

S E L O U N I V E R S I D A D E

dadá-berlim

des/montagem

NORVAL BAITELLO JUNIOR

ARTE

I
EMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U


ANNABLUME

Dadá-Berlín: Des/Desmontagem

NORVAL BAITELLO JUNIOR

DADÁ-BERLIM
DES/MONTAGEM

I
IMPENSA DA UNIVERSIDADE DE GOIABRA
GOIABRA UNIVERSITY PRESS
U


ANNA BLUME

COEDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

ANNABLUME editora . comunicação

www.annablume.com.br

PROJETO E PRODUÇÃO

Coletivo Gráfico Annablume

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

LinkPrint

ISBN

978-989-26-0247-9 (IUC)

85-85596-04-X (Annablume)

DEPÓSITO LEGAL

348943/12

© JUNHO 201.2

ANNABLUME

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Índice

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
CRONOLOGIA DADÁ-BERLIM	17
CAPÍTULO I A MORTE DADÁ	25
CAPÍTULO II A REPÚBLICA DE WEIMAR: NASCIMENTO, ISTO É, MORTE	35
CAPÍTULO III REPÚBLICA DADÁ VS. REPÚBLICA DE WEIMAR	55
CAPÍTULO IV “AÇÃO, AÇÃO...”	85
CONCLUSÃO: O COMEÇO	115
BIBLIOGRAFIA	121

*Ao meu pai que hoje, de algum
lugar, sabe que será sempre
dadaísta.*

Apresentação

O movimento Dadá foi a manifestação mais radical da primeira vanguarda contemporânea, aquela que já podemos, hoje, denominar “histórica”. Nas duas sílabas balbuciantes, em eco, — da... da —, resumia-se, com propósito ludismo infantil, a notação de uma “função negativa”, que se lançava à explosão de todos os convencionalismos, nas primeiras décadas deste século, ainda reminiscentes, em arte, da “aurática” atmosfera finissecular. A reversibilidade caracterizava, dialeticamente, a negatividade dessa função: o *nada*, o *não* dadaísta potencializava um *tudo* (*Garnichts, d. h., alies*). Da desmontagem, da desconstrução, poderia estar prestes a emergir uma nova montagem, um novo construto, suscetíveis — claro! — de novos processos de desmanche. Não à toa dadaístas e construtivistas acabaram por deixar que seus caminhos e eventualmente se cruzassem (Kurt Schwitters é o exemplo mais marcante desse dadaísmo construtivista, mas houve até mesmo um “Congresso Construtivista-Dadaísta” em Weimar, 1922, convocado pelo artista plástico e poeta Theo van Doesburg). Interessante será também lembrar que um dos mais famosos poetas “simultaneístas” produzidos pelo movimento Dadá, ‘*Vamiral cherche une maison à louer*’ (1916), de R. Huelsenbeck, M. Janko e T. Tzara, traz uma “nota para os burgueses” (de Tzara), na qual é reivindicado, entre outros, o exemplo pioneiro de Mallarmé: a “reforma tipográfica” ensaiada no poema “Un Coup de Dés”...

Norval Baitello Júnior faz, neste livro, uma leitura em profundidade, desse lábil fenômeno constituído por Dadá. Enfoca-o, em especial, na sua intervenção e em suas ações desenvolvidas no centro nervoso, cultural e político, que era Berlim à época. Os traços distintivos que o Autor discerne em

Dadá, não obstante o caráter fugidio desse nome provocativo e sua resistência a definições, são os seguintes: a metapolítica (posicionamento anti-República de Weimar); o uso criativo dos meios de comunicação de massa (jornais, revistas, panfletos); a busca de uma “oralidade tipográfica”; a “morte” dadaísta; a ação como obra artística; a exploração do infanto-primitivismo.

Alguns dos mais importantes membros do movimento, como Raoul Hausmann (inspirador da poesia sonorista de Schwitters), Richard Huelsenbeck (co-autor do já citado poema “simultaneísta”) e o *Oberdadá* (Supradadá) Johannes Baader (que, como futurista russo V. Khlébnikov, se proclamaria “Presidente do Globo Terrestre”), todos eles ativos em Berlim, são também focalizados e acompanhados em sua polêmica trajetória.

Com este trabalho-de acurada investigação, mas, sobretudo, de paixão pelo tema, o autor preparou caminho para uma nova etapa de sua carreira: o estudo comparado entre Dadá, por um lado, e, por outro, os aspectos dadaístas do Movimento Modernista brasileiro (Oswald de Andrade, desde logo com sua Antropofagia). Esta segunda etapa também redundou numa importante contribuição de crítica comparativa (*Die Dada-Internationale/Der Dadaismus in Berlin und der Modernismus in Brasilien*). Trata-se de tese doutoral, defendida e publicada na Alemanha (*Verlag Peter Lang*, Frankfurt a.M., 1987), trabalho que esperamos ver, em breve, publicado em tradução para o português, para que assim se complete o instigante *dadadíptico* elaborado, com fervor e competência, pelo brasileiro Norval Baitello Júnior.

Haroldo de Campos, 1993

Introdução

Instigado pelo eloquente silêncio praticado sobre o Dadaísmo, o mais radical dos radicalismos da vanguarda histórica, fui constatar que menos ainda se falou sobre uma das diversas (diversas mesmo!) facetas que Dadá assumiu em cada lugar, uma faceta não parisiense por excelência: Berlim. E, uma vez que não é o propósito do presente trabalho tratar da diferença entre os dois, permito-me ao menos citar um belo texto do organizador da exposição “Tendências dos Anos Vinte”, o crítico Eberhard Roters a este respeito:

** ‘Recentemente sonhei que teria que escrever este prefácio. Apareceu-me o ‘Espírito de Nosso Tempo ’ de Raoul Hausmann e começou a falar. Por seu intermédio falou primeiramente o espírito de Santo Agostinho as palavras: ‘credo quia absurdum’ a isto respondeu o espírito de Descartes: ‘ cogito, ergo sum’. O ‘Espírito de Nosso Tempo’ fundiu ambas as frases em uma e anunciou o resultado: “cogito quia absurdum, ergo sum”. Despertado do sonho dadaísta, ocorreu-me que uma palavra se havia perdido, o “credo”. Nisto fracassou Dadá em Paris. O ‘credo’ deve-se aos surrealistas. Consequentemente entraram Breton e seus amigos, imediatamente após a abdicação de Dadá em favor do Surrealismo, como bons católicos, para o Partido Comunista.⁹*

(ROTTERS, E. in *Tendenzen der Zwanziger Jahre*, p.3/11)

Embora tivesse havido dois outros núcleos Dadá na Alemanha, além de Éerlim, Colónia (Köln), com J. Baargeld e Max Emst e Hannover, com Kurt Schwitters, Berlim se transformara em centro da ebulição política e social de toda a Europa. Lá as contradições se concretizavam em embates e combates. E, para Dadá, toda esta efervescência constitui matéria prima para a formação de seu grupo mais ativo, mais numeroso, mais vigoroso, mais polêmico, mais breve, mais contraditório e mais politizado. Assim relata polemicamente Erwin Piscator, um de seus protagonistas, sobre a faceta política de Dadá-Berlim:

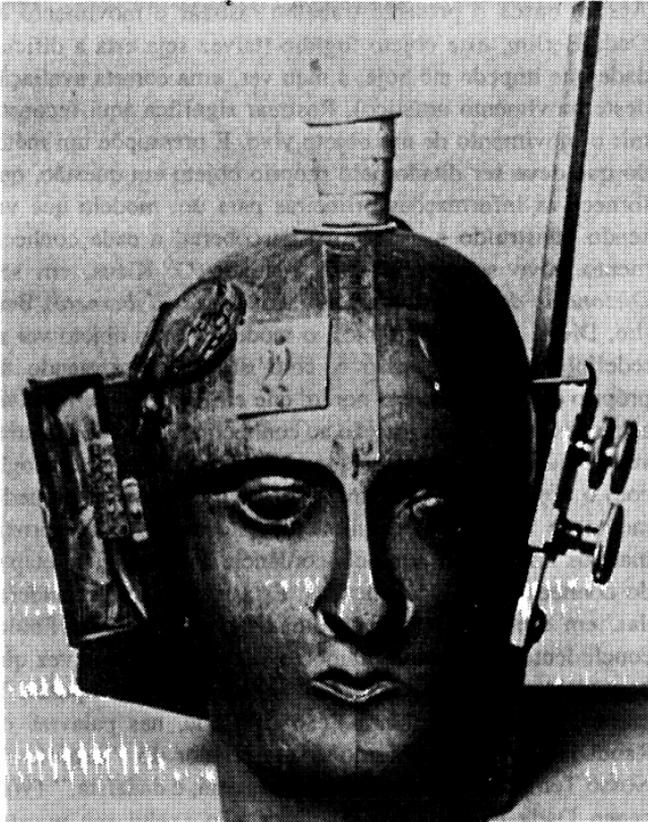
‘ Conscientemente tomei uma posição política. Já naquele momento teria gostado muito de colocar a arte a serviço da política, se tivesse sabido de que maneira. Até então aquele círculo, com exceção de Grosz, cujas penetrantes caricaturas políticas constituíam as primeiras arremetidas, nada mais produzira do que combatidos espetáculos dadaístas, tão ridicularizados pela burguesia. Sob o lema ‘a arte é uma merda’, os dadaístas começaram a demolição. Com récitas de poemas misturados e de efeito incompreensível, revólveres de crianças, papel higiênico, falsas barbas e poemas de Goethe e Rudolf Presber, marchamos contra o ‘público de Kurfürstendamm’ amante da arte. ’ ’

(PISGATOR, E. *Teatro Político*, p. 37)

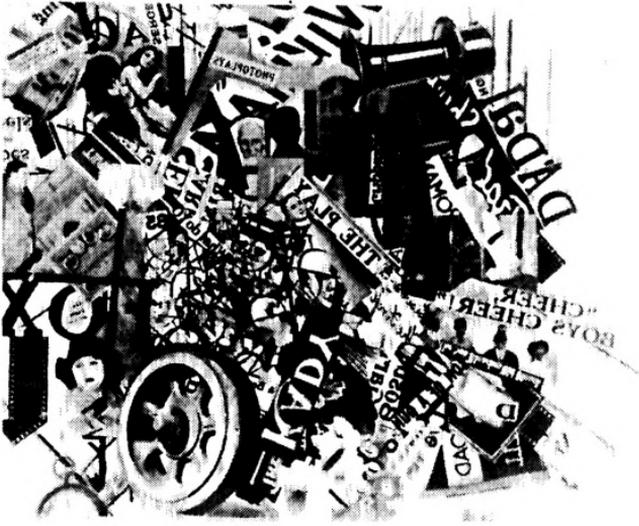
Contudo, nem um nem outro aspecto será o tema central e a proposta primeira do presente trabalho. A intemacionalidade de Dadá (“da ... da...”, “lá ... lá...” em alemão!) é vastíssimo assunto que já mereceu da exposição *Tendências dos Anos Vinte* e seu excelente catálogo *Tendenzen der Zwanziger Jahre* uma cobertura quase completa, com artigos sobre Dadá em Zurique (na verdade o núcleo disseminador do Dadaísmo, onde foi lançada por Hugo Bali a palavra programática e mágica “Dadá”), Berlim, Paris, Genebra, Colónia, Hannover, Barcelona, Nova York, Holanda, Rús-

sia, Polónia, Hungria, Iugoslávia, Tchécoslováquia, Roménia, Itália e até na América do Sul. Também não adentrarei o terreno movediço da análise de Dadá enquanto programa político propriamente dito, cobrando da facção partidária de Dadá-Berlim o que se exige de um partido político. Já o fez, com resultados no mínimo duvidosos, o coletivo de autores sob a batuta de Reinhart Meyer em *Dada in Zurich und Berlin 1916-1920. Literatur zwischen Revolution und Reaktion* (Dadá em Zurique e Berlim em 1916-1920. Literatura entre Revolução e Reação).

Mechanischer Kopf, Der Geist unserer Zeit, de Raoul Hausmann, 1921.



Já bem mais instigante do que o caminho anterior teria sido investigar as “proximidades” entre Dadá(Berlim) e seu (quase) contemporâneo Modernismo Brasileiro, usando como pretexto o fato de que um dos protagonistas mais curiosos e menos conhecidos de Dadá-Berlim, o dadá-músico Jefim (Posteriormente Jeff) Golyscheff viveu em São Paulo a partir de 1957 e aqui deixou obras da sua maturidade, hoje pertencentes ao acervo do MAC-USP. Contudo, diante do fôlego requerido para a contrastividade de dois movimentos complexos e instigantes, preferi, como uma possível primeira etapa, trabalhar apenas com um deles, com aquele sobre o qual menos se falou aqui (e mesmo na Alemanha falou-se muito pouco — a atenção dada a Dadá-Berlim praticamente ficou restrita ao grupo de pesquisadores próximos ao poeta-professor W. Hollerer, da Technische Universität Berlin). Assim, busca o presente trabalho rastrear o movimento de Dadá-Berlim, este objeto fugidio (talvez seja esta a dificuldade que impede até hoje, a meu ver, uma correta avaliação deste movimento artístico). Rastrear significa aqui reconstituir o movimento de um objeto vivo. E pressupõe um método que deve ser ditado pelo próprio objeto em questão, que fornece as informações primeiras para um modelo que vai sendo construído a cada nova descoberta, a cada conhecimento novo sobre o objeto. Segundo G. Klaus, em seu *Dicionário da Cibernética (Wörterbuch der Kybernetik, Berlin, Dietz, 1968. p.418-426)*, o modelo de um objeto vai se redefinindo a cada passo e, com isto se aproximando do próprio objeto. Acontece porém que em Dadá não é possível esta estocástica aproximação ao conhecimento do objeto através de sucessivos modelos que contenham traços de analogia com o objeto estudado. Simplesmente por que este procedimento de construção de modelos estocasticamente aproximativos implica em uma concordância com estágios, etapas do conhecimento já alcançadas. Estas etapas são consideradas, em um momento determinado e um espaço definido, concludentes e, portanto, também excludentes, uma vez que o modelo aceito implicará na negação de seu oposto. E pronto, aí está a primeira lição de Dadá, nas palavras de Raoul Hausmann, o mesmo artista criador do “Espírito de Nosso Tempo”: “Quem contra Dadá está, é dadaísta!” (Wer gegen Dada ist, ist Dadaist). Dadá não exclui seu oposto,



Leben un Treiben in Universal-City um 12 Uhr 5 mttages,
colagem de Groz e Heartfield, 1919.

não o contradiz, engole-o ou deixa-se aparentemente engolir, transformando-o, com isto, em Dadá. Esta aporia vem a ser o princípio fundamental da “lógica dadaísta” e sua especificidade mais prezada e mais marcante: “Dadá é nada, i.e., tudo”.

Assim, tem-se diante dos olhos um objeto fugidio, que não se deixa apreender. Não permite concluir, fechar, interpretar unidirecionalmente. Qualquer afirmação conclusiva deverá considerar seu oposto, deverá estar pronta para ser destruída, porque o que interessa não é a conclusão, mas a não conclusão, vale dizer, o espaço vazio da não conclusão, o campo de possibilidades, ou ainda, nas palavras de Hausmann, “a indiferença criativa” (die schöpferische Indifferenz). As especificidades de Dadá-Berlim são, deste modo, todas elas rigorosamente ditadas por este princípio. E serão apontadas no decurso do trabalho, uma vez que nascem sempre de um processo de desmontagem de especificidades anteriores, em uma negação contínua. É como desmontar um brinquedo só porque ele está pronto, acabado, para se ter a possibilidade de fazer outro, para também desmontá-lo.

Os elementos que compõem este percurso de desmontagem e que podemos considerar específicos de Dadá-Berlim são:

- a) o posicionamento político anti-weimariano (a política da desmontagem da política ou, se quisermos, a “metapolítica”);
- b) o uso de veículos de comunicação de massas, jornais, revistas, panfletos (a desmontagem da mídia);
- c) a utilização da ação como obra artística e do próprio artista e sua imagem como obras (a desmontagem do suporte durável e a desmitificação da imagem do artista);
- d) a infantilidade e a oralidade como constantes (desmontagem do conceito de maturidade e do status da escrita enquanto documento desta maturidade; em última instância é questionada a própria alfabetização).

Não pretendo de maneira alguma fechar a rede de relações sobre Dadá, mas abrir fendas através das quais se possa entrever um objeto vivo. É muito aquilo que diz Walter Benjamin em suas *Teses sobre a Noção de História* (Thesen über den Begriff der Geschichte):

“Articular historicamente coisas passadas não significa reconhecê-las como elas realmente foram. Significa apossar-se de uma recordação como ela relampeja no momento de um perigo.

(BENJAMIN, W.

Gesammelte Schriften, II, p.695)

Este “relampejar” (aufblitzen) resume também, de certa forma, a própria tática dadaísta, a celeridade do movimento destrutivo-constutivo das diversas atividades e práticas de Dadá-Berlim. Cada nova forma surge do rompimento de outra. Constróem-se aí verdadeiras cadeias de negação, supressão da supressão, possibilitando, através da rapidez desta operação destrutiva, a entrevisão de um movimento histórico, de um relance da historicidade que, ela própria, não hesita em destruir implacavelmente para abrir espaço para o novo. Dadá passa por uma extensa gama de atividades (e Dadá-Berlim, ainda mais), desde a artística até a política, desde a jornalística até a propagandística, sempre com a mesma força demolidora vigorosa, com o atrevimento infantil do tipo “o rei está nu”, que desautomatiza e toma estranho.

Uma vez que o presente estudo procura ser o mais fiel possível ao princípio do “relampejar” benjaminiano, não se atendo às ordenações mais simples e fáceis, acrescento para contrabalançar a aparente desordem, como apêndice desta introdução, uma completa cronologia de Dada-Berlim, que sirva de roteiro para situar os fatos analisados ou apenas mencionados no corpo do trabalho. Esta tabela cronológica foi elaborada pelos colaboradores da exposição e do catálogo *Tendenzen der Zwanziger Jahre*, Beckett, Bergius, Borras, Brendel, de Cortanze, Girou, Lista, Pop, Riha, Roters, Schlichting e Schwarz.

Quero lembrar ainda que o panorama de silenciamento, ao qual Dadá foi relegado, foi algumas vezes rompido por relâmpagos de extremo brilho e inspiração. Dentre eles, o inspirador mais remoto de minha atenção sobre Dadá foi o estudo pioneiro de Haroldo de Campos sobre o “merz-artista” (de Dadá-Hannover) Kurt Schwitters. Este ensaio de 1956 é pioneiro mesmo para a crítica alemã, que na época ainda não redescobriera a genialidade do autor da *Ursonate*.

Mas, ainda a respeito do silêncio imposto a Dadá por muitas décadas, é necessário dizer que o sentimento de culpa pelas transgressões dos anos vinte fói o vírus que mais atacou os próprios dadaístas. Poucos foram os que não se auto-puniram com o silêncio por terem participado de um mo(vi)mento tão rico e tão inseminador das décadas posteriores às catástrofes políticas dos anos trinta e quarenta. Cabe ressaltar a fidelidade de Raoul Hausmann e do “Dadá-Supremo” (Oberdada) Johannes Baader. Este afirma, em uma de suas frases mais dadaístas que “também lá, lá (da, da) está a vida”. Enquanto isso, décadas após, outros buscavam ainda justificativas para Dadá: “A maior importância do Dadaísmo foi que ele nos tomou imunes contra recaídas no Expressionismo que (em virtude) da nova situação política, perdera seu significado original”(nota manuscrita de John Heartfield, presumivelmente dos anos sessenta, gentilmente cedida por sua viúva, Gertrud Heartfield, em 31/1/1979, em Berlim Oriental).

A realização deste trabalho de mestrado deve-se à ajuda de inúmeras pessoas, dentre as quais destaco e especialmente agradeço: minha orientadora Lucrecia D'Aléssio Ferrara, meus amigos na Alemanha, Valdir, Comelia, Tom, Joachim e Annette. Ao meu pai e à minha mãe sou grato pelo apoio que me possibilitou realizar a pesquisa em Berlim. Bemd, obrigado pela revisão das traduções. Humberto, obrigado pelas fotos. Rita e Ricardo, obrigado pelo carinho e pela compreensão dados em troca de minha ausência. E por falar em ausência, não me esqueço da ajuda inestimável que a amiga e colega Wilma Rodrigues prestou antes de se ausentar para sempre.

* * *

Surpresas da História: O trabalho que ora é publicado é a versão integral da dissertação de mestrado terminada e defendida em 1982. Muitas coisas mudaram de lá para cá, inclusive não mais existe a RDA, a Alemanha Oriental. O leitor perceberá em algumas referências que o texto original não foi mudado, mantendo-se o espírito que o motivou. E, apesar das grandes mudanças que o mundo sofreu, nestes mais de dez anos persistiu o silêncio sobre Dadá e a interpretação equivocada, que apenas vê no movimento a sua faceta destrutiva.

Cronologia Dadá-Berlim

1905

Hausmann conhece Baader em Berlim.

1914

Franz Jung e George Grosz vão para a guerra como voluntários.

1915

Grosz é dispensado. Encontra irmãos Herzfelde. Franz Jung deserta. Jung funda a Editora “Die freie Strasse” (A Rua Livre). Da revista de mesmo nome saem, até 1918, dez números.

12/abril: Huelsenbeck e Bali organizam “Noite Expressionista” em Berlim.

1916

Início: Max Ernst conhece Grosz e Herzfelde por ocasião de uma exposição sua na galeria da revista Sturm.

21/março: Baader profere conferência em Stuttgart sobre seus *Acht Weltsätze* (Oito Princípios Universais).

Julho: primeiro número da revista proto-dadaísta *Neue Jugend* (Nova Juventude), editada por Wieland Herzfelde. Até março de 1917 saem 6 números.

Outono: Baader escreve carta pacifista ao Príncipe Frederico Guilherme da Prússia.

1917

Huelsenbeck, de Zurique para Berlim, junta-se ao círculo da *Neue Jugend*, em tomo de F. Jung, Grosz e Heartfield.

1/março: Heartfield funda a Editora Malik (Malik-Verlag).

Maiο/junho: revista *Neue Jugend*, em formato grande, americano, traz matérias sobre a cultura do trivial.

Agosto: Huelsenbeck anuncia, em carta a Tzara, a revista berlinense *Der Dada* e a exposição DADA.

Outono: Heartfield e Grosz trabalham como contraregras cinematográficos na Gebr.. Grünbaum. São convocados a prestar serviço na Seção de Imagem Militar da UFA.

Baader e Hausmann planejam a fundação da Christus GmbH (Cristo Ltda.).

9/outubro: Baader se candidata apartidariamente nas eleições para o Congresso, em Saarbrücken.

1918

22/janeiro: Huelsenbeck profere o primeiro discurso Dada na Galeria I.B. Neumann

Março: contato entre Hausmann e Huelsenbeck. Publicações do "Club Dada" na editora *Freie Strasse*.

12/abril: primeira Noite Dadá, na Berliner Sezession. São apresentados, dentre outros, poemas de Marinetti, Buzzi, Atomare, Folgore, Govoni, Palazzischi.

Abril: Huelsenbeck deixa Berlim.

6/junho: Dadá-Soirée de Baader e Hausmann no Café Áustria. Hausmann lê, conforme ele próprio, os primeiros poemas fonéticos.

Verão: Hausmann inventa a fotomontagem como meio artístico dadaísta.

19/junho: Hausmann e Baader festejam o aniversário de Gottfried Keller com leituras no meio da rua.

Setembro: admissão de Phillip Scheidemann no Club Dada.

Outubro: Hausmann: *Material da Pintura, Plástica e Arquitetura*, editora do autor.

12/outubro: Baader fala em Werder.

Novembro: Hausmann e Baader, editores do número 9 da revista *Freie Strasse*.

17/novembro: ação de Baader na Catedral berlinense: "Christus ist Ihnen Wurst! "(O senhor está pouco ligando para Cristo!). Carta de Hausmann ao Ministro da Cultura de Berlim exigindo o direito de livre expressão para Baader.

Dezembro: Baader sozinho, editor da revista *Freie Strasse* número 10.

Grosz, Heartfield, Herzfelde e Piscator entram para o KPD (Partido Comunista da Alemanha).

1919

Início: correspondência entre Hausmann e Baader, Berlim, e Tzara, Zurique. Ofensiva pacifista de Baader.

Janeiro: caderno número 1 da revista *Der Einzige* (O Único), editada por Anselm Ruest e Salomo Friedländer.

6/fevereiro: Encontro Dadá no Salão Imperial da Casa de Bailes Rheingold.

Proclamação de Baader como Presidente do Globo Terrestre e do Universo.

“Vitória do Golpe Dadaísta em Todas as Frentes. Sepultamento, no Cemitério Dadá, da Assembléia Nacional vitimada em Weimar“.

15/fevereiro: sai, pela Editora Malik, o único número de *Jedermann sein eigener Fussball* (Cada um sua Própria Bola de Futebol), editado por John Heartfield e Wieland Herzfelde.

Março: Wieland Herzfelde é preso por causa da edição de *Jedermann sein eigener Fussball*.

Início de março: no Café Josty, Comitê Central do Movimento Dadaísta anuncia a proclamação da República Dadaísta de Nikolassee para o dia primeiro de abril.

12/março: fundação do Conselho Anacional dos Trabalhadores Não Remunerados.

Fundação do Clube da Via Láctea Azul. ‘ ‘O Presidente da República Dadá, Baader, chega de Weimar no avião Cassiopéia”.

1/abril: anúncio da morte do “Oberdada” (Dadá Supremo, Supradadá). Baader proclama uma nova contagem dos tempos de paz.

Abril: publicação do número 1 da revista *Die Pleite* (A Falência), Ed. Malik, em lugar da proibida *Jedermann sein eigener Fussball*. Ao todo saíram seis números até janeiro do ano seguinte.

20/abril: Hausmann publica o *Pamphlet gegen die Weimansche Lebensauffassung* (Panfleto contra a concepção de vida weimariana), em *Der Einzige* n. 14.

30/abril: Noite Dadá no Salão Harmonium, com a participação dos dadaístas berlinenses e com Jefim Golyscheff.

15 e 28/maio: Noite Dadá no Meistersaal.

17/maio: Baader no Café Josty: “Alá é grande mas o “Oberdada” é maior”.

Maior: Primeira Exposição de Dadá-Berlim no Ateliê Gráfico de I.B. Neumann.

Junho: *Der Dada* (O Dadá) editada por Baader e Hausmann.

21/junho: Baader: “Aniversário do Cadáver Verde”.

26/junho: Baader traz a público a publicação do “*HAND-DO, Handbuch des Oberdada*” (Manual do Dadá Supremo), o livro da paz mundial, como reação ao Tratado de Versalhes.

16/julho: Baader lança, segundo seu próprio testemunho, em reunião da Assembléia Nacional em Weimar, o panfleto *Presidente do Globo Terrestre*.

Setembro: número 1 da revista *Der blutige Ernst* (A sangrenta seriedade ou A profunda seriedade), editor J. Hõxter.

15/setembro: Telegrama Dadá de Baader, Grosz e Huel senbeck a Gabriele D’Annunzio.

Outubro: Noite Dadá na Produktenbõrse.

Novembro: Cari Einstein e Grosz assumem a revista *Der blutige Ernst* a partir do número 3.

11/novembro: Baader recebe da gráfica seu cartão de visitas confirmando sua função de “Presidente do Globo Terrestre e Universal”.

30/novembro: Matiné Dadá na Tribune. Reprise em 13 de dezembro. Entre outras coisas, Hausmann lê *O Manifest gegen den Puffkeismus der Deutschen Seele* (Manifesto contra o Puffkeísmo da Alma Alemã).

Dezembro: Grosz e Heartfield se apresentam no recém fundado Cabaret Schall und Rauch.

Huel senbeck publica *En avant Dada* em Hannover.

1920

Janeiro: data planejada para publicação do DADACO (Atlas Dadá). Arp em Berlim. *Die Pleite* é proibida por motivos políticos e confiscada.

19/janeiro: Leitura Dadá de Baader, Hausmann e Huel senbeck na “*Haus der Kaufmannschaft*” em Dresden. Contacto com Dix, Griebell, Vol 1.

Fevereiro: Baader funda o *Deutsche Freiheitspartei* (Partido Alemão da Liberdade).

18/fevereiro: Leitura Dadá no Grande Salão da Curio-Haus, Hamburgo.

26/fevereiro: Evento Dadá em Leipzig, no Zentraltheater, por Baader, Hausmann e Huelsenbeck.

24/fevereiro: Evento Dadá, por Hausmann, Baader e Huelsenbeck, em Teplitz-Schönau.

1/março: Evento Dadá, por Baader, Hausmann e Huelsenbeck, na Produktenbörse de Praga, com dois mil espectadores. Baader abandona o grupo, segundo ele próprio porque queria apresentar sozinho a noite; segundo Huelsenbeck, ele fugiu com a renda.

2/março: Evento Dadá em Praga, por Hausmann e Huelsenbeck.

5/março: Evento Dadá em Karlsbad, por Hausmann e Huelsenbeck.

15/março: Grosz publica em *Der Gegner* seu texto *Der Kunstlump* (O trapo artístico) posicionando-se em relação aos combates entre exército e trabalhadores na Praça do Correio em Dresden, 59 mortos, 150 feridos.

Abril: sai o número 3 de *Der Dada* pela Ed. Malik, editada por Grosz, Heartfield e Hausmann. Também é lançado *Dada siegt* (Dadá vence) de Huelsenbeck.

Primavera: Tzara assume integralmente o plano de edição do *Dadaglobe*.

Junho: Baader se inscreve na Bauhaus de Weimar como membro da Assistência aos Desempregados.

24/junho: abertura da I Feira Internacional Dada de Berlim, na Galeria Dr. Otto Burchard. Participação de todos dadaístas berlinenses, bem como de Dix, Schlichter, Scholz, Max Emst, Baargeld, Picabia, etc. No encerramento da Feira Huelsenbeck publica o *Dada-Almanach* (Almanaque Dadá), Ed. Erich Reiss, Berlim.

28/junho: Baader anuncia a publicação do seu *HADO-Handbuch des Oberdada* (Manual do Dadá Supremo) parte II.

16/agosto: Grosz publica seu manifesto *Statt einer Biographie* (Em vez de uma biografia), na revista *Der Gegner*, ano II, número 3.

4/setembro: a casa de Baader é revistada por ordem da Procuradoria do Estado, por causa da Feira Dadá.

15/dezembro: Noite Dadá na Berliner Sezession, por Hausmann/Klockmann.

Final: carta aberta ao Novembergruppe, assinada, entre outros, por Hausmann, Grosz e Hannah Höch.

1921

22/janeiro: Baile Dadá nas *Festsälen am Zoo*.

20/abril: processo do Ministério do Exército contratos dadaístas Baader, Burchard, Herzfelde, Schlichter, por causa da pasta de desenhos de Grosz *Gott mit uns* (Deus conosco), do boneco-soldado empalhado por Schlichter e do boneco de Heartfield com a distinção militar *Eisernes Kreuz* (Cruz de Ferro) no traseiro.

1/junho: Baader funda o *Freiland Dada* (País Livre Dadá): Primeira Academia Intertelúrica em Potsdam.

6/setembro: Hausmann, Höch e Schwitters: *Tournée Anti-Dada-Merz* vai a Praga e se apresenta no Urania. Hausmann lê “Presentismus”. Schwitters fica conhecendo o poema fonético *fmbsw*, de Hausmann, que o instiga.

16/outubro: discurso do Oberdada em Leipzig.

1922

Mehring vai para Paris, Jung vai para Moscou, Charcoune, em Berlim, publica o *Transbordeur Dada*. Hausmann constrói seu *Optophone*, construção áudio-visual; trava contato com o grupo húngaro MA, em tomo de Kassak.

30/maio: Congresso de Intelectuais em Dússeldorf. Hausmann toma parte.

Julho: Dada-Toumée de Hausmann e Schwitters para Jena, Weimar e Hannover.

Final de julho: Baader: compilação das *373 Geheimakten der Dadaistischen Bewegung* (373 Documentos Secretos do Movimento Dadaísta).

Outono: Baader muda para Stettin.

25/setembro: Congresso Construtivista e Dadaísta em Weimar/*

(' *Dada-Chronologie* '). In: *Tendenzen der Zwanziger Jahre*, p. 3/131-3/149).

Capít ul o I

a Morte Dadá



George Gröz vestido de Morte Dadaísta, 1920.

“Dadá prevê seu fim e se ri disto. A morte é um assunto perfeitamente dadaísta à medida em que ela não significa nem o mais insignificante. Dadá tem o direito de se suprimir e fará uso disto quando for chegada a hora^f.”

(HUELSENBECK, *En avant Dada*, p. 44)

1919: Johannes Baader manda publicar nos jornais o seguinte anúncio:

“Johannes Baader nasceu no ano de 1885 em Stuttgart. De profissão era arquiteto. No dia 19 de julho de 1918 escreveu os Oito Princípios Universais, dos quais ele próprio diz: “não se consegue reimprimi-los com a suficiente frequência”. Ele portava o título de um Supradada e se denominava Presidente do Globo Terrestre. Ele morreu em Berlim no dia 1 de abril de um mil novecentos e dezenove”.

(BAADER, *Oherdada*, p. 3)

A figura provavelmente mais contraditória de todo o DADÁ, inclusive na voz de seus próprios colegas dadaístas, que se dividem polarmente ao julgá-lo — e, possivelmente, por ter sido tão dadaísta a ponto de confundir os próprios colegas e diluir sob a espessa densidade de sua convicção as fronteiras já tênues e abaladas entre vida e arte — o *Oberdada*, Dadá-Superior, Supradada, Dadá-Supremo, inaugura o DADÁ muito antes da palavra mágica descoberta por Tzara em Zurique de 1916 e trazida para Berlim em 1918 por Richard Huelsenbeck, Berlim que a trouxe vorazmente, revigorou-se revigorando-a, voracidade digna do nome: DADÁ.

Pode-se dizer que não existe absolutamente uma divisão em fases ou períodos, dentro da sua vida-obra, que resista aos fatos. Não se pode afirmar, como no caso dos outros dadaístas, a existência de uma obra pré- ou pós-dadaísta, ou mesmo no caso de alguns outros, onde se diz de um interregno ou de um interlúdio dadaísta. Baader é o autor de ações desde os primeiros momentos do século, ações merecedoras do nome que nasceria somente daí a pelo menos dez anos. E mesmo o fato de ter sido fundador e dirigente de uma seita religiosa — fato que serviu para muitos

como motivo suficiente para desconsiderá-lo ou diminuir-lhe a importância da participação nos eventos dadaístas — requer uma análise mais cuidadosa, antes de qualquer julgamento. Vejamos o exemplo abaixo, de 1906, de um convite:

“Toda segunda, terça, quarta e quinta-feira, de 11 horas da manhã até 9 horas da noite, o Senhor Baader recebe visitas e concede entrevistas, não em caráter privado, mas na qualidade de médium (para manter-se a expressão latina), conhecida até agora apenas nos círculos mais próximos, através da qual Jesus de Nazaré, o redentor da cristandade, se ocupa da moderna humanidade. As entrevistas são conduzidas de forma que a cada visitante se permitam três perguntas quaisquer (...) as quais o Senhor Baader responderá com a maior consciência. Como pré-condição para a recepção, o Sr. Baader espera de seus visitantes a observação das formas de vestimenta e comportamento usuais, por ocasião de visitas, nos círculos aos quais pertencem. O Senhor Baader, em contrapartida, requer para si a liberdade de poder receber seus visitantes com o mais nobre enfeite que ele conhece: completamente descoberto e nu(...)”

(BAADER, *Oberdada*, p. 8)

Ainda essencialmente ligado à sua função de dirigente de seita, constavam em seu cartão de visitas em 1914, os seguintes títulos:

“Cristo, o Médium do Universo, Eu, o Eterno, o Crucificado e Ressuscitado, o que era, e será, Eu, o Eterno que se divide em muitos e permanece eternamente o único, Ego, a Pomba, o Senhor do Nome, o que é maior que Yuan-Chi-kai, Baader”.

(BAADER, *Oberdada*, p. 181)

O número de “eu” no cartão de visita indicia já alguns dos proto-genes de DADÁ. Não estará contudo aí resumido

o proto-dadaísmo. Também no convite acima há uma outra característica que haverá de vingar: a negação. Será provavelmente impossível saber se houve na época algum interessado nas tais entrevistas, mas acredito que seria ao menos curioso saber o efeito do convite-anti-convite. Sim, pois, à medida em que se faz e veste o mito à sombra de Jesus Cristo, o mito maior da cristandade, de imediato se o despe, desnudando a figura material que o suporta. Está instaurado o momento de destruição do próprio apelo: o anti-convite dentro do convite, num ato de auto-destruição, auto-negação.

Ainda em 1906 Baader envia a 1500 jornais europeus, 240 americanos, 75 africanos e 25 australianos “informações exatas sobre seu projeto de um gigantesco templo da humanidade”. O templo fora anunciado em uma reunião pública da qual teriam participado, segundo o próprio Baader, 400 pessoas. Previstos pelo plano seriam: o tempo de construção de mil anos, os custos de 500 bilhões de marcos,

“O novo tempo começa com o ano da morte do Supradada A d 1”
(*Der Dada*, Berlim, 1919)

**Die neue Zeit beginnt
mit dem Todesjahr
des Oberdada**

A d 1

**Mitwirkende: Baader,
Hausmann, Huelsenbeck,
Tristan Tzara.**

as dimensões: 1500 metros de altura e 1000 metros de largura na base. O financiamento da construção seria tarefa da “Liga Internacional e Interreligiosa da Humanidade a ser criada pelo próprio Baader e da qual também ele seria, é claro, o cabeça. (Cf. BERGIUS, H. “Zur phantastischen Politik der Anti-Politik Johannes Baaders oder Die unbefleckte Empfängnis der Welt.” In: *Oberdada*, p. 188)

Isto tudo dito e escrito por um arquiteto, Johannes Baader, que pertencera, de 1903 a 1905, à União dos Artistas Plásticos da Construção de Monumentos Sepulcrais!. Capítulo curioso este, da vida de futuro “Oberdada”! Hanne Bergius, em seu excelente posfácio à única coletânea de escritos de Baader, comenta o estilo arquitetônico grandioso de sua arquitetura tumular:

‘ *Parece que o aspecto 'Morte, Poder e Espaço' (Ewers) que foi essencial para o fascismo, teve seus primeiros impulsos aqui, nos túmulos monumentais.* ’

(BERGIUS. In: *Oberdada*, p. 184)

Nada mais correto ver aí a presença de uma grandiloquência fascista que se vai desenvolver ao curso das três primeiras décadas e florescer na quarta. Absolutamente verosímil, verdadeiro mesmo, que a arquitetura é que seria o terreno mais propício para esta grandiloquência e, não por último, graças às conquistas na técnica da construção. Parece-me, no entanto, no caso particular de Baader, que a grandiosidade, ostensivamente levada ao seu extremo, não apenas se aproxima perigosamente, mas conscientemente atinge a sua própria negação. O inverosímil ao máximo reduz-se simplesmente ao irreal, a um irreal, porém, inteiramente parodístico do real. A paródia é assumida pela negação.

A trajetória das ações de Baader obedece a uma constância e coerência impressionantes. Terá sido provavelmente esta uma das razões para a diversa avaliação de sua parte no DADÁ-Berlim? Relata Wieland Herzfelde, o fundador da Editora Malik, sobre o primeiro contacto (seu) com Baader:

“Nós o ficamos conhecendo (...) nos primeiros dias de novembro de 1918, na nossa gráfica, onde ele buscava o seu livro 14 Car-

tas de Cristo. *Ele se nos apresentou como o 'Presidente do Universo \ Que nós o tivéssemos carregado imediatamente ao ateliê de Grosz, nomeado como Dadá Superior e o tratássemos com a honra correspondente, alguns críticos mais tarde levaram muito a sério, como de resto também o Dadaísmo — mas, primeiramente também ele, o arquiteto Johannes Baader (levou tudo muito a sério)."*

(*Apud* RIHA, "Der Oberdada im Urteil der Dadaisten". In: *Oberdada*, p. 195)

Ao que tudo indica, no entanto, Hausmann já o conhecia e empreendera, juntamente com ele, algumas ações públicas antes da vinda de Richard Huelsenbeck para Berlim, trazendo a palavra mágica DADÁ. Hausmann reconhece então que Baader será o homem certo para DADÁ, "por força de sua irrealidade natural". (HAUSMANN, *Am Anfang war Dada*, p. 55)

Ainda outros dadaístas emitem julgamentos, positivos ou negativos, sobre o "Oberdada", de modo a deixar evidente que a disparidade de julgamentos deve acabar por se incorporar a própria memória DADÁ. Karl Riha, um dos organizadores do livro *Oberdada*, toma o tema inclusive como título mesmo de um dos posfácios do livro do Baader, "O Supradadá no julgamento dos dadaístas". Nenhum nega, porém, a efetiva participação e a performance de destaque de suas ações. E, dentre elas, o próprio anúncio de sua morte, praticamente no início de DADÁ Berlim, acompanhado da proposta de uma nova contagem dos tempos. E DADÁ nasce com a própria morte.

Capít ul o II

**a Repúbl ica de Weimar :
Nasciment o , Ist o É , Mort e**

[O fim da República de Weimar] “no puede ser llamado prematuro; en verdad, la República había marcado y oportunamente con su fin, el comienzo; su comienzo es, al mismo tiempo, su fin.

(Heinrich MANN. In: Karl Arnold. *Retrato de los años veinte*, p. 7)

Em meio a uma crise sem precedentes nasce a República Alemã, a assim chamada “República de Weimar”. A Primeira Grande Guerra atinge limites insuportáveis para a população e para a economia alemãs; as greves, as rebeliões, os motins aumentam dia a dia e, embora a maioria deles não tivesse um caráter imediatamente político, sua politização seria inevitável, dadas circunstâncias diversas, entre elas o exemplo da Revolução Russa. O império guilhermino aproximava-se de seu fim:

‘A movimentação no Império colocou a direção do Partido Socialdemocrata da Alemanha (SPD) e os ministros social-democratas, na primeira semana de novembro, em uma situação penosa. O SPD fazia na realidade revolução contra si próprio: massas socialdemocratas e conduzidas por socialdemocratas arrebatavam uma ordem legal em cuja cúpula se postava um governo dominado pelo SPD. Para safar-se deste dilema, o SPD dirigiu ao chanceler do império e aos partidos governistas burgueses um ultimato onde exigia a demissão do ‘Kaiser e a renúncia do Príncipe à coroa. Não acontecendo isto, o SPD retirar-se-ia do governo.*

(ROSENBERG, *Entstehung der Weimarer Republik*, p. 239).

Vejamos, no depoimento de alguns dos protagonistas desta ação política, a essência viva do SPD: Phillip Scheidemann:

“No dia 9 de novembro de 1918 o Congresso parecia, já nas primeiras horas da manhã, um grande acampamento do exército. Trabalhadores e soldados entravam e saíam, muitos com armas. Com Ebert e outros amigos, eu estava sentado no salão de jantar, com fome. Havia novamente só uma rala sopa aguada. Aí assaltou o salão um monte de trabalhadores e soldados, dirigindo-se à nossa mesa. 50 pessoas gritavam ao mesmo tempo: ‘Scheidemann, venha depressa, da sacada do palácio Liebknecht está falando... Liebknecht quer proclamar a República Soviética . O que? Então vi a situação claramente diante dos olhos. A Alemanha, uma província russa?... Não, mil vezes não... Não, não isto também na Alemanha, depois de toda a outra miséria...’

(FISCHER *et alii*, *Der National-sozialismus*,
p. 39, depoimento gravado em 1924 pelo
próprio Scheidemann),

De fato, conforme se declara, marinheiros, trabalhadores e soldados haviam ocupado o palácio imperial e Liebknecht proclamava, como ponto programático principal “O poder está com os Conselhos de Trabalhadores e Soldados”. E, em contrapartida, Scheidemann proclamava então a República Alemã. Mas não foi evidentemente este ato formal o que derrubou o Império. Foram as muitas rebeliões, greves, motins e sobretudo a “guerra alemã”, de intenções nitidamente expansionistas, os detonadores mais diretos da queda do “Kaiser” e do “Reich”.

Cuidou-se entretanto que não ruísse sua base de sustentação: o príncipe Max Von Baden, após a partida do Imperador Guilherme II para a Holanda, encarrega Friedrich Ebert, ou seja, o próprio SPD, de formar um novo governo.

“Declaração do novo Chanceler do Império Ebert.

Conclamação pela Calma e pela Ordem!

Concidadãos! O até então Chanceler do Império, Príncipe Max von Baden, transmitiu

Rundgebung

des

neuen Reichsfinanzlers Ebert

Mahnung

zur

Ruhe und Ordnung!

Mitbürger! Der bisherige Reichsfinanzler, Prinz Max von Baden, hat mir unter Zustimmung sämtlicher Staatssekretäre die Wahrnehmung der Geschäfte des Reichsfinanzlers übertragen. Ich bin im Begriffe, die neue Regierung im Einvernehmen mit den Parteien zu bilden und werde über das Ergebnis der Öffentlichkeit in Kürze berichten. Die neue Regierung wird eine Volksregierung sein. Ihre Bestreben wird sein müssen, dem deutschen Volke den Frieden schnellstens zu bringen und die Freiheit, die es errungen hat, zu befestigen. Mitbürger! Ich bitte Euch alle um Eure Unterstützung bei der schweren Arbeit, die unserer darret. Ihr wißt, wie schwer der Krieg die Ernährung des Volkes, die erste Voraussetzung des politischen Lebens, bedroht. Die politische Umwälzung darf die Ernährung der Bevölkerung nicht stören, es muß erste Pflicht aller in Stadt und Land bleiben, die Produktion von Nahrungsmitteln und ihre Zufuhr in die Städte nicht zu verhinern, sondern zu fördern. Nahrungsmittelnot bedeutet Plünderung und Not mit Elend für Alle. Die Ärmsten würden am schwersten leiden, die Industriearbeiter am bittersten betroffen werden. Wer sich an Nahrungsmitteln oder sonstigen Bedarfsgegenständen oder an den für ihre Verteilung benötigten Verkehrsmitteln vergeißt, versündigt sich auf das Schwerste an der Gesamtheit. Mitbürger! Ich bitte Euch alle dringend, verlaßt die Straßen! Sorgt für Ruhe und Ordnung.

Berlin, den 9. November 1918.

Der Reichsfinanzler
Ebert.

a mim, com o consentimento do conjunto dos Secretários de Estado, a defesa dos negócios da Chancelaria do Império. Estou pronto para formar o novo governo, em um acordo com os partidos, e relatarei em breve à comunidade sobre os resultados. O novo governo será um governo do povo. Seu empenho haverá de trazer ao povo ale-

mão, o mais rápido possível, a paz, e consolidar a liberdade que ele conquistou. Concidadãos! Peço-vos a todos por apoio nessa difícil tarefa que nos aguarda! Sabeis quão duramente a guerra ameaça a alimentação do povo, o primeiro pressuposto da vida política. A rebelião não pode perturbar a alimentação da população; deve permanecer como primeira obrigação de todos, na cidade e no campo, não impedir, mas incentivar a produção de víveres e seu transporte para as cidades. Falta de víveres significa saques e necessidades, com miséria para todos. Os mais pobres sofreriam mais, os trabalhadores da indústria seriam atingidos mais amargamente. Quem profana víveres ou outros objetos de necessidade, ou o transporte necessário à sua distribuição, comete o mais grave pecado contra a comunidade. Concidadãos! Peço-vos a todos urgentemente que deixai as ruas. Cuidai por calma e ordem.

Berlim, 9 de novembro de 1918.

O Chanceler do Império

*Ebert*⁹

(In: RUGE, *Novemberrevolution*, p. 49)

Arbeiter, Soldaten, Genossen!

Die Entscheidungsstunde ist da! Es gilt der historischen Aufgabe gerecht zu werden.

Während an der Wasserkante die Arbeiter- und Soldatenräte die Gewalt in Händen haben, werden hier rücksichtslos Verhaftungen vorgenommen. Däumig und Liebknecht sind verhaftet.

Das ist der Anfang der Militärdiktatur, das ist der Auftakt zu nutzlosem Gemetzel.

Wir fordern nicht Abdankung einer Person, sondern Republik!

Die sozialistische Republik

mit allen ihren Konsequenzen.

Auf zum Kampf für Friede, Freiheit und Brot.

Heraus aus den Betrieben,

Heraus aus den Kasernen!

Reicht Euch die Hände.

Es lebe die sozialistische Republik.

**Der Vollzugsausschuss des
Arbeiter- und Soldatenrates.**

**Barth, Brühl, Eckert, Franke, Haase, Ledebour,
Liebknecht, Neudorf, Pick, Wegmann.**

*“Trabalhadores, Soldados, Camaradas!
 A hora da decisão aí está. trata-se de cumprir a tarefa histórica. Enquanto na costa do Mar do Norte os Conselhos dos Trabalhadores e Soldados têm o poder nas mãos, são feitas aqui prisões brutais. Däumig e Liebknecht estão presos.
 Este é o começo da ditadura militar, este é o prelúdio para a matança inútil. Exigimos não a abdicação de uma pessoa, mas a República!
 A República Socialista com todas as suas conseqüências.
 Vamos à luta por paz, liberdade e pão.
 Fora das fábricas,
 Fora das casernas!
 Estendam-se as mãos.
 Viva a República Socialista.
 A Comissão Executiva do Conselho de Trabalhadores e Soldados Barth, Bruhl, Eckert, Franke, Haase, Ledebour, Liebknecht, Neuendorf, Pick, Wegmann.”*

(In: RUGE, W. *Novemberrevolution*, p. 41)

Os conselhos de Trabalhadores e Soldados vão se expandindo rapidamente por toda a Alemanha, conforme mostra o mapa abaixo.



A difusão do movimento de conselhos na Alemanha de 4 a 10 de novembro de 1918. (In: RUGE, *Novemberrevolution*, p. 62)

Estes Conselhos chegam a totalizar 10.000 e sua maioria se constitui de socialdemocratas (e também somente trabalhadores e soldados) e surgem espontaneamente como decorrência da falência de um Estado, em cuja recuperação e reinstalação estarão interessados. Somente uma minoria destes Conselhos consegue entrever o poder que conquistaram e agora detêm, de possível derrubada total da ordem vigente e instauração de uma nova ordem, a implantação do socialismo na Alemanha. E esta minoria, estimada em um milhão de pessoas, não consegue impor seu programa aos conselhos e acaba por se isolar politicamente, deixando espaço ao programa socialdemocrata, de passagem gradual ao socialismo, pela via pacífica e democrática segundo as teorias de Bemstein.

Enquanto as parcelas socialdemocratas propunham a eleição de uma assembléia constituinte para a “Nova República”, as esquerdas defendem “todo poder aos conselhos” (os quais paradoxalmente se definem, em sua maioria, pela constituinte).

Sem dúvida alguma vale-se disso a Socialdemocracia no poder, através do “Conselho dos Encarregados do Povo” (Rat der Volksbeauftragten), formado após a abdicação do Kaiser e transmissão da Chancelaria do Império a Friedrich Ebert, presidente do SPD. Este “Conselho”, composto por Ebert, com três membros do SPD e três do USPD, “Unabhängige Sozialdemokratische Partei Deutschlands” (Partido Social Democrata Independente da Alemanha), dissidência de esquerda do próprio SPD, vem a se constituir o governo provisório que permanece por quase dois meses no poder, de 10 de novembro a 27 de dezembro de 1918, quando o abandonam os membros do USPD.

Um episódio contudo não pode ser omitido na criação da República: na noite mesma de 10 de novembro, ou seja, da instalação da recém-proclamada República, trava-se um pacto entre Ebert e o general Groener. Este coloca à disposição da República o exercito, em troca da “manutenção da ordem” e combate ao bolchevismo. A Socialdemocracia aceita, de forma previsível, o acordo. Está selado o destino da República, através do acordo entre a burocracia política e o militarismo. E, ao contrário do que se apresenta na maioria das historiografias oficiais e semi-oficiais, a República não é um frágil objeto atacado por tantos inimigos; ela é um só-

lido acordo, fortemente determinado a manter-se no poder e o consegue, até quando quer, apesar dos inúmeros e poderosos movimentos de oposição e das diversas tentativas de golpe.

O próximo passo da “Novemberrevolution” deveria ser, tomado como exemplo o ocorrido na Rússia, a revolução socialista, uma vez que a revolução burguesa já havia ocorrido por obra dos próprios trabalhadores. E as mesmas massas que tinham derrubado o Kaiser estavam profundamente mobilizadas e atuantes. Vejamos, no entanto, sob que agremiaçãss partidárias poderiam estar sendo propostas diretrizes de ação.

É hoje voz uníssona, tanto no “Leste” quanto no “Oeste”, com suas respectivas historiografias, com apenas diversidade de tom, que a Liga Spartacus, o *Spartakusbund*, teve papel de relevância nos acontecimentos de novembro de 1918.

Os espartaquistas eram apenas uma fração do USPD (Partido Socialista Independente da Alemanha), na qual militavam Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, transformada depois em Partido Comunista da Alemanha (KDP). No momento próprio de sua transformação em KPD, expressa a Liga Spartacus o seu ponto de vista a respeito da tomada do poder, no documento “O que quer Spartacus”, redigido por Rosa Luxemburg:

** ‘Spartacus — agora o partido comunista — não tomará o poder antes que a maioria da classe operária esteja conscientemente de acordo com seus fins e que ela o exprima claramente.’*

(In: AUTHIER, A ESQUERDA ALEMÃ 1918-1921, p. 25)

Quanto às questões estratégicas mais imediatas, por exemplo, participação ou não no processo de instalação de uma assembléia nacional constituinte, dá-se o oposto: o partido rejeita a proposta de Rosa Luxemburg e Paul Levi e decide pelo boicote às eleições. Estas se realizam efetivamente e, nas regiões onde a esquerda era especialmente forte — Berlim, Alemanha Central, Saxônia, Hamburgo e Região do Ruhr — “constatou-se um importante abstencionismo do proletariado nas diversas eleições nacionais, municipais e regionais — no período de 1919 a 1921”. (AUTHIER, p. 25)

Como se pode ver, a oscilação entre o espontaneísmo na ação e um sectarismo quanto às táticas revelam a imaturidade política da liga Spartacus enquanto direção revolucionária.

No entanto, Spartacus não era o único grupo revolucionário e, sobretudo nos Conselhos de Trabalhadores e Soldados, sua penetração era relativamente pequena. Havia, dentre outros agrupamentos, os IKD (*Internationale Kommunisten Deutschlands* — Comunistas Internacionais da Alemanha) e os R.O. (*Revolutionäre Obleute* — Representantes Revolucionários), com bastante representatividade nos Conselhos. Esta última organização era formada originariamente dos representantes sindicais das indústrias metalúrgicas de Berlim, até 1916 limitados a Berlim, estenderam nos anos seguintes toda uma rede de células e contactos espalhados pelo país. Dentre as poucas informações disponíveis sobre os R.O, consta o seguinte:

‘Seus dirigentes, principalmente Richard Müller e Emil Barth, pertenceram à ala esquerda do USPD. A importância dos Representantes Revolucionários situa-se antes de tudo no fato de eles se oporem cedo ao perigo golpista de esquerda, tanto que sua entrada no KDP foi impedida.’

(*RHEINISCHE ZEITUNG BONN*, n° 18 p. 17).

Parece muito plausível que a procedência socialdemocrática de quase todos os agrupamentos políticos deixava-se entrever mais ou menos claramente em sua tática de espera pela conquista do poder e em uma certa crença no espontaneísmo como fator histórico. Se formos buscar as raízes, encontraremos invariavelmente o SPD.

O SPD apregoava, desde 1891, no congresso do partido em Erfurt, a chegada do proletariado ao poder através do desenvolvimento quantitativo dos sindicatos e da representação parlamentar (Cf. *RHEINISCHE ZEITUNG BONN*, n° 18, p. 15).

Em 1914 a maioria dos deputados do SPD votou favoravelmente aos créditos de guerra. O primeiro a manifestar dissidência foi Karl Liebknecht, depois Otto Riihle, e até 1915

havia um grupo de aproximadamente 20 deputados contrários aos créditos de guerra e ao orçamento estatal. É a partir daí que começa a cisão do SPD. Saem os políticos dissidentes em 1917 e a Socialdemocracia se reduz à sua ala direita.

O USPD não possui, contudo, profundas divergências programáticas em relação ao SPD. São apenas defendidas na conjuntura dada, diferentes estratégias. E um continua sendo fundamentalmente herança do outro. É aí inclusive que jaz a razão da saída dos espartaquistas, em dezembro de 1918, o que, de resto, para o partido pouco significou: apenas 5% de seus membros saíram com os espartaquistas. Há ainda, no decorrer do ano de 1919, uma nova cisão no USPD: ala da esquerda e ala da direita dividem-se, com a crescente atrofia desta última e desenvolvimento da primeira. Em 1920 cindem-se definitivamente, unindo-se a esquerda à Liga Spartacus — então já KDP — formando o VKDP (*Vereinigte Kommunistische Partei Deutschlands* — Partido Comunista Unificado da Alemanha). A direita, dois anos depois, junta-se no SDP, resultando daí o VSDP (*Vereinigte Sozialdemokratische Partei Deutschlands* — Partido Socialdemocrata Unificado da Alemanha).

Esta é a movimentação partidária dos anos imediatamente anteriores e posteriores à Revolução de Novembro.

Não se deve esquecer porém que existiam também os partidos de centro e os da direita, com relativamente pequena representatividade nesta época turbulenta. Entretanto, mais importante ainda que a existência de partidos outros que não os revolucionários, é o fenômeno das milícias de voluntários, os assim chamados “Freikorps”. Vale a pena verificar o relato que se segue, retirado de uma biografia de Ludendorff, o general-pivô do exército alemão na Primeira Guerra Mundial, 1º Subchefe do Estado-Maior, imediatamente subordinado a Hindenburg, nome de relevo tanto na época do Kaiser quanto na época da República:

“No Reich as condições não haviam melhorado. Greves, motins e lutas de rua eram ainda ocorrências quase diárias na capital e em muitas outras cidades. Havia que assinalar, contudo, a aliança dos elementos que apoiavam o velho regime, organizando,

em desafio aos termos do armistício, milícias de voluntários, os Freikorps, destinados a combater os comunistas e manter os operários nos seus postos de trabalho. Freikorps surgiram por toda a Alemanha, desde as fronteiras com a Polónia até as fronteiras com a Áustria. Na primavera de 1919 já eram mais de 400 mil os homens alistados em cerca de 200 organizações paramilitares. Os membros do Freikorps formavam verdadeira miscelânea: idealistas dispostos a lutar pelo futuro da Alemanha, rudes veteranos da linha de frente que não conhecia outros misteres senão os da militância, aristocratas arruinados pela guerra além de simples aventureiros visando à agitação e a três refeições por dia. O filho de Margarethe [enteado de Ludendorff], Heinz Pemet, alistara-se no Freikorps de Cavalaria de Guardas, a mesma organização que em janeiro fora responsável pela morte de Kçirl Liebknecht e Rosa Luxemburg no Hotel Eden. Depois do extermínio desses dois líderes comunistas em Berlim, Heinz seguiu para lutar na Westfália e em Munique. ''

(GOODSPEED, Ludendorff - soldado - ditador - revolucionário, p. 297-8).

Mas, afinal, realizam-se as eleições para a Assembléia Nacional a 19 de janeiro de 1919, com o comparecimento de 30 milhões de eleitores que indicaram os 421 assentos a serem ocupados pelos seguintes partidos e na proporção indicada:

Dados Gerais

Número total dos eleitores:	34.046.366	
Participaram da eleição:		83%
Votos válidos:	30.400.344	
Votos invalidados:	124.504	

Dados Específicos

Sozialdemokratische Partei Deutschlands
(Partido Socialdemocrático da Alemanha).

Votos = 11.509.048 % = 37,9 Assentos = 163

Christliche Volkspartei (Partido Cristão Popular)
e Bayerische Volkspartei (Partido Popular Bávaro)

Votos = 5.980.216 % = 19,7 Assentos = 91

Deutsche Demokratische Partei (Partido Democrático Alemão)

Votos = 5.641.825 % = 18,5 Assentos = 75

Deutschnationale Volkspartei (Partido Nacional Popular
Alemão)

Votos = 3.121.479 % = 10,3 Assentos = 44

Unabhängige Sozialdemokratische Partei Deutschlands
(Partido Socialdemocrata Independente da Alemanha)

Votos = 2.317.290 % = 7,6 Assentos = 22

Deutsche Volkspartei (Partido Popular Alemão)

Votos = 1.345.638 % = 4,4 Assentos = 19

Outros = 484.848 % = 1,6 Assentos = 1

(Fonte: *Weimarer Republik*, p. 148).

E assim reúne-se efetivamente a Assembléia Nacional Constituinte — não em Berlim, onde a temperatura política era demasiadamente elevada — mas em Weimar, a 6 de fevereiro de 1919, protegida por tropas. A Assembléia elege Friedrich Ebert presidente e este encarrega Scheidemann de formar um ministério. Uma das primeiras tarefas do governo é a assinatura do Tratado de Versalhes, segundo o qual a Alemanha perderia, em resumo, 1/8 de seu território, 1/3 de suas reservas de carvão, 1/2 das de chumbo, 2/3 das de zinco, 3/4 das de minério de ferro.

Em 1923 a inflação atinge a taxa de 100% ao dia.

Em 1925 morre Ebert e é eleito, pelos partidos de direita em coalizão, nada menos que o velho Marechal-de-Campo Hindenburg, já senil.

as Greves

Desde o início da guerra, em 1914, tanto sindicatos quanto SDP condenam as greves. Mas, um ano após, elas começam a surgir e em 1916 já são numerosas devido à fome. Em 1917 continua crescendo a onda de greves e, em janeiro de 1918, há mais de um milhão de operários parados. O Kaiser os reprime militarmente. Estava, no entanto, lançada já a semente dos Conselhos de Trabalhadores e Soldados na forma dos conselhos de empresa que se criaram para suprir a falta de representatividade dos sindicatos, em seu pacto anti-greve.

É então que, no outono de 1918, evidenciada a grande derrota na guerra, reativaram-se as experiências organizativas anteriores, na formação de conselhos que efetivamente representavam os trabalhadores, reivindicando as condições mínimas de subsistência. O Kaiser responde com a nomeação de ministros socialistas e com a democracia parlamentar. Entretanto, a guerra persiste, sob o comando de Hindenburg e Ludendorff. E a fome também.

A 4 de novembro os marinheiros recusam-se a mais um combate e, apossando-se do navio, desembarcam em Kiel, unem-se a operários e soldados e fundam o seu Conselho, tomando o poder na cidade. Era apenas o começo. Até o fim de novembro havia Conselhos de Trabalhadores e Soldados em praticamente todas as cidades alemãs.

A proclamação da República, a retirada do Kaiser, a passagem do governo da Socialdemocracia sob o Kaiser para a Socialdemocracia sem o Kaiser não resolvem por si só os problemas, nem os mais imediatos, dos trabalhadores e do povo em geral, provocados pela guerra que, de resto, ainda persistia. São, contudo, parte das primeiras conquistas dos trabalhadores e soldados sob a República: a redução da jor-

nada de trabalho para 8 horas, o reconhecimento da representação sindical por empresas, as comissões paritárias nas grandes empresas. E, principalmente, o fim da guerra, a 11 de novembro (sem que se tenha assinado, entretanto, o armistício).

Revolução de Novembro

Lutas de Janeiro

Ação de Março

As insurreições, motins, greves e fundações de conselhos culminaram em novembro de 1918, época em que também a guerra termina e a República é proclamada. No entanto, caminham céleres as duas forças antagónicas em direção a novos confrontos. Os conselhos, apesar de sua atuação dirigida e inofensiva, começam a se politizar e será inevitável o descrédito das massas participantes em relação à Socialdemocracia. A própria mobilização vai ganhando maior experiência e se politizando. Por outro lado, organizam-se, a partir de militares do antigo governo, desempregados e mercenários, os famosos *Freikorps*, grupos de repressão de extrema direita — apoiados pelo governo. Já em dezembro há combates nas ruas de Berlim, mas é em janeiro que se desencadeiam os confrontos mais violentos e que passam a ser considerados como a “primeira derrota da revolução”. Com a demissão do chefe de polícia Emil Eichhom, do USDP, ala esquerda, os revolucionários se insurgem e ocupam Berlim toda — mas não sabem o que fazer da capital — e, enquanto se decide qual o peso político a se dar este ato, Gustav Noske, ministro da guerra, articula a retomada da cidade através de uma repressão maciça. A insurreição teve sua maior intensidade no período de 6 a 15 de janeiro. Neste dia são assassinados Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, não sem a divulgação anterior de uma ampla campanha através de panfletos e jornais conclamando as pessoas a matarem os espartaquistas e especialmente seus dirigentes.

‘ *Trabalhadores, Cidadãos!*

A Pátria está próxima da derrocada.

Salvai-a!

Ela não está ameaçada por fora, mas por dentro:

Pelo Grupo Spartacus.

*Matai seus dirigentes!
Matai Liebknecht!
Então tereis paz, trabalho e pão!
Os soldados do fronte*

(In: RUGE, *Novemberrevolution*, p. 124)

Arbeiter, Bürger!

**Das Vaterland ist dem Untergang nahe.
Rettet es!**

**Es wird nicht bedroht von außen, sondern von innen:
Von der Spartakusgruppe.**

**Schlagt ihre Führer tot!
Tötet Liebknecht!**

**Dann werdet ihr Frieden, Arbeit und Brot haben!
Die Frontsoldaten**

“Assalto geral sobre Spartacus! Abaixo os espartaquistas! uiva-se pelos becos”. Assim começa o último escrito de Liebknecht, publicado exatamente no dia 15 de janeiro de 1919. E assim soa a penúltimo parágrafo: “E se nós então ainda vivermos, quando isto for atingido — viverá o nosso programa; ele dominará o mundo da humanidade libertada. Apesar de tudo!” (In: RHEINISCHE ZEITUNG BONN, p. 13-14).

E, apesar destas derrotas, os combates entre revolucionários e forças do governo persistem nos centros industriais até março de 1919, com massacres de diversas repúblicas regionais mais progressistas: Braunschweig, Bremen, Ruhr e Baviera (onde a situação estava bastante adiantada — quanto ao nível de conscientização socialista). Aí em Munique é assassinada a principal figura da República de Conselho de Baviera, Kurt Eisner, provocando uma enérgica reação da esquerda, fazendo com que os conselhos tomem o poder, dispersando a velha direita e obrigando o governo socialdemocrata a se evadir para Bamberg. Em Munique participa dos conselhos também o KDP, os operários formam um exército revolucionário (obrigando os capitalistas a lhes remunerarem

os dias de treinamento militar, o que revela a permanência das relações capitalistas ainda íntegras). No início de maio de 1919 foram literalmente esmagados.

Entretanto o quadro de lutas não apresentava apenas estas duas forças partidárias, Socialdemocracia contra Socialdemocracia Independente mais Spartacus e outros grupos de esquerda. Havia ainda setores de direita não conformados com as “concessões” democráticas da República. Um sinal da atividade destes setores é o golpe de Wolfgang Kapp. E um dos pontos programáticos destas facções era a crítica ao Tratado de Versalhes, evidentemente aliado ao combate contra toda a esquerda e contra a República (qualificada de “não alemã”). Iniciou pois em 13 de março de 1920 o ataque de Kapp, através da marcha de uma brigada naval sobre Berlim. O marechal Ludendorff os saudou e as tropas republicanas se recusaram a combater os rebeldes. O governo republicano fugiu para Leipzig, Kapp se auto-nomeou Chanceler, declarou deposto o governo fugitivo e dissolvida a Assembléia Nacional. Oficiais e grupos *Freikorps* aderiram ao golpe em regiões diversas e buscaram erigir nova ordem em suas regiões (Centro-Alemanha, Hamburgo, Mecklenburg, Kiel, Pommern, Prússia-Leste, Schlesien, etc.). Não contavam os golpistas com uma reação, por parte dos trabalhadores, em defesa das conquistas obtidas até então: uma greve geral e absoluta, convocada pelo SDP e pelos sindicatos (com a desaprovção do KPD-Spartacus) silenciava completamente as atividades do país, desde os meios de comunicação até a economia. E, enquanto Berlim permanecia em luta, outras regiões reagiram violentamente com combates, às tropas defensoras do golpe. Frustrava-se assim o golpe Kapp, que termina em 17 de março.

O KPD, após ter sido contrário às greves anti-Kapp, propõe a volta ao trabalho, uma vez derrubado o golpe, se auto-definido como oposição leal” ao governo do SDP e do USDP, enquanto o movimento revolucionário retomava sua combatividade e voltava a se insurgir: no Ruhr, por exemplo, onde as divisões militares não retiram seu apoio a Kapp, forma-se um exército vermelho de 100.000 trabalhadores que expulsam os militares já nos primeiros dias de golpe e se propõem a tomar o poder, passando por cima do SDP, do USDP e do KPD. Após um acordo com o governo reestabelecido, mediante a exigência de punição dos golpistas, o USDP

e a ala direita do KDP concordam em “pacificar os trabalhadores”, propondo que deponham as armas. Os revolucionários rejeitam o acordo e, enfraquecidos com a retirada das bases USDP e KDP, são massacrados em abril.

Ação de Março de 1921

O que é considerado o último e definitivo golpe sobre a revolução alemã, a Novemberrevolution, deu-se na Alemanha Central, nas indústrias químicas de Leuna e nas minas de cobre da região de Mansfeld.

Desde o golpe de Kapp, no ano anterior, os trabalhadores permaneciam armados. O governo busca desarmá-los e isto se transforma em violenta batalha onde os trabalhadores, organizados em pequenos grupos, armados, perfaziam não mais que 4000 homens. O KDP, a esta altura já unido com a ala esquerda do USDP, formando o VKPD, *Verenigte Kommunistische Partei Deutschlands* (Partido Comunista Unificado da Alemanha) não só apoiou a luta dos trabalhadores desta feita, como também se esforçou ao extremo para enxergar, nestas lutas localizadas e quantitativamente menores, o momento de tomada de poder para toda a Alemanha, auxiliados que estavam por enviados da II Internacional. Após a derrota, o VKPD condena o movimento e retoma sua posição legalista.

Estava portanto vitoriosa a Socialdemocracia e a *Deutsche Republik*, República de Weimar. Por obra dos trabalhadores alemães. E derrotada a revolução.

Vale a pena, a título de fecho, citarmos Henriette Roland-Holst, do PC holandês, 1921:

“A nossa tarefa é conduzir as massas ao ponto em que elas não tenham mais necessidade de exemplo e da direção de um grupo organizado separadamente, de uma aristocracia política intelectual. Ter como tarefa tormarmo-nos supérfluos. Os comunistas trabalham na preparação de seu próprio fim”.

(Apud AUTHIER, *A esquerda alemã 1918-1919*, p.44).

II

A República sobrevive até 1933, quando o então presidente, General Hindenburg, em 30 de janeiro, faz Adolf Hitler Chanceler da Alemanha.

Capít ul o III

Repúbl ica Dadá
VS.
Repúbl ica de Weimar

Relata Raoul Hausmann:

“De todos os lados eram empreendidos revoluções e golpes, que eram todos derrotados com mais ou menos sangue — uma República Mecklenburg-Schwerin, uma revolta do exército Vermelho pelo General Watters e outras sob Adolf Hölz.

Veio-me de repente uma idéia .

Pegue-me o catálogo de endereços de Nikolassee,¹ disse a Baader.

O que você quer fazer com isso?

Ouçã, vamos fundar uma República Dadá em Nikolassee.

Como é que você quer fazê-lo?

Ainda não sei, mas veremos já.

Baader partiu e daí a dois minutos veio com a lista telefônica.

Ótimo. Agora preste atenção. Vamos mostrar como se fundam repúblicas, sem violência, sem derramamento de sangue, com nada senão uma máquina de escrever. Mas dê-me primeiro a lista telefônica e anote os nomes que eu disser e as multas que lhes aplicaremos. (...)

Suficiente. Agora vem os decretos revolucionários.

Então:

1. Nikolassee: bairro de Berlim.

A República Dadaísta de Nikolassee está declarada para 1? de abril de 1919.

O tráfego ferroviário entre Nikolassee e Wannsee, por um lado, e Schlachtensee, por outro, está interrompido em definitivo.

Ao Corpo de Bombeiros deve ser obrigatoriamente dado o alarme a qualquer hora.

Os oficiais de justiça estão instruídos para recolher as multas em dinheiro dos punidos constantes da lista. Como proprietário das mansões, eles têm que ser declarados cidadãos nocivos e deverão ser atirados na cadeia em caso de resistência.

Baader çscrevia.

Ótimo, mas não vejo ainda como você ...

Calma. Nós vamos, como já disse, dar exemplo de como se pode derrubar a ordem pública sem atos de violência. No dia 1? de abril, à noitinha, às 15 para as 6, apareceremos, você e eu, em Nikolassee, colocamos nossos decretos em muros e árvores e vamos direto à prefeitura.

Lá exigimos falar com o prefeito e declaramos a ele:

Prezado Senhor, declaramos Nikolassee como República independente. Transmita-nos o poder, entregue-nos o caixa, ordene aos funcionários que sigam somente nossas ordens. Lá fora encontram-se dois mil soldados com fuzis e granadas de mão. Qualquer resistência é inútil.

É claro que estaremos sozinhos, mas você vai ver que pega.

Baader estava muito entusiasmado.''

(HAUSMANN, *Am Anfang war-Dada*, p. 59).

Por fim o plano acabou não se realizando, pois Baader convidou um amigo para nomeá-lo Ministro das Finanças e o tal amigo entregou o segredo à prefeitura de Nikolassee, segundo conta Hausmann. Conta ainda que mais tarde ficou

sabendo, por intermédio de uma amiga, a Baronesa de Glumer que trabalhava então na Câmara de Vereadores, que as autoridades, ao saberem do golpe, temeram tanto que no dia 1º de abril lá estava de fato um regimento de soldados — só que não a favor da República Dadá, mas contra ela.

Ação semelhante, só que efetivamente levada a cabo, foi a presença de Baader na Assembléia Nacional em Weimar, onde lançou o panfleto “O cadáver verde”, de uma tribuna do salão de reuniões.

Ad. 19.600 SONDERAUSGABE »GRÜNE LEICHE« A. e.
Der erste Abend Huelsenbeck nach meinem Tode, Ac. 15.
ist die Huldigung der Tolem vor dem Tabu (.) Dadá. Ad. 30.

Seinen eigenen Körperlichen Leib an der Rede . . . DADA . . . Samsadadrede

Die Sorge um Würde ist ein Zeichen von Schwäche. Der Würde gefahrend. Er macht ihn zu

* ÜBER DEN OBERDADAISMUS (Frage wird bekanntgegeben)

Sein Tod am 1. April war der gleiche Oberdadaismus, wie die Spröngung der Nationalversammlung in Weimar am 6. Februar, 4. (Rheingold).

Man hört nicht und sieht nicht

SUMSIADADREBO; SUMSIADAD =

Schach omnibus: dritter mann schlog. Korrektur: engel geschicken
man schreibl: die weile, der welter. ADADREBO (red.)

Antrag Ad. 16

AD REFERENDUM:

Ist das deutsche Volk bereit, dem Oberdada freie Hand zu geben?

Fällt die Volksabstimmung bejahend aus, so wird Haader Ordnung, Friede, Freiheit und Brot schaffen.

ARDUA
L. A. Eberl, Scheidemann,
Berlin A
Wilhelmstr. 17

**DER PRÄSIDENT
DES ERDBALLS SITZT
IM SATTEL DES
WEISSEN PFERDES
D A D A**

Verlag „Grüne Leiche“, Stöglitz, Zimmermannstr. 34

SPRACHLICH BAADER BELANG FRAG ALLERDINGS MÜHREND DER HISTORISCHEN ROBINETTENFIGUR DES IV. APRIL IM FREIHEITSMITTELSTUND, GUT ABER AN DER SITUATION SELBST NICHT BETEILIGT.

MIT 1.6. MARIENBURGERSTR. 10/11, L. R. Z. N. N.

DER OBERDADA SPRICHT IN WEIMAR
1. Ueber Veranlassung von BAADER

No centro do panfleto:

‘Requerimento Ad. 18
Ad Referendum: o povo alemão está disposto a oferecer carta branca ao Dadá supremo? Se o plebiscito disser sim, Baader conseguirá ordem, paz, liberdade e pão.

Jornal Berlinense de 27/1/1919

‘Nós votaremos neste ano provavelmente mais algumas vezes, para presidente, para o congresso. E não vamos nos contentar apenas com o instinto, com a mecânica segurança do acerto possuída pela massa inconscientemente intuitiva, mas vamos procurar a genialidade pessoal, a qual devemos ter produzido em alguma camada de nosso povo, se é que já não estamos destinados a ser uma raça extinta.’

Para esta busca comparecerão todos os trabalhadores intelectuais e religiosos, Encarregados do Povo, cidadãos e camaradas de ambos os sexos (soldados sem insígnias), os quais se importam com a sorte da humanidade. Explodiremos Weimar pelos ares. Berlim é o lugar, lá...lá...Ninguém e nada será poupado! Compareçam em massa!

O COMITÉ CENTRAL DADAÍSTA DA REVOLUÇÃO MUNDIAL.

Baader, Hausmann, Tzara, Grosz, Janco, Arp, Huelsenbeck, Jung, E. Ernest, A. R. Meyer."

(BAADER, *Oberdada*, p. 48).

“ O Q U E É O DADAÍSMO E O QUE ELE QUER NA ALEMANHA

‘ *O Dadaísmo exige

1. a unificação revolucionária internacional de todos os homens criativos e intelectuais do mundo inteiro no terreno do comunismo radical.
2. a introdução do desemprego progressivo através da mecanização abrangente de todas as atividades. Só pelo desemprego o indivíduo ganha a possibilidade de se certificar da verdade da vida e finalmente se acostumar ao viver.
3. a imediata expropriação da propriedade (socialização) e a alimentação comunista de todos, bem como a construção de cida-

des-jardins e cidades-luzes, pertencentes à comunidade, que desenvolvam o homem para a liberdade.

O comité Central defende:

- a) a refeição pública diária para todos os criadores e intelectuais na praça Potsdamer (Berlim);*
- b) o compromisso de todos os religiosos e professores para com os princípios dadaístas de crença;*
- c) o mais brutal combate contra todas as tendências dos assim chamados trabalhadores intelectuais (Hiller, Adler),² contra seu oculto burguesismo e contra o Expressionismo e a formação pós-clássica, como ela é defendida pelo “Sturm”;³*
- d) construção imediata de uma casa estatal da arte e pela supressão das noções de propriedade na nova arte (Expressionismo), a noção de posse será completamente eliminada no movimento supra-individual do Dadaísmo, que liberta todos os homens;*
- e) introdução do poema simultaneísta como reza comunista estatal;*
- f) liberação das igrejas para apresentação de poemas bruitistas, simultaneístas e dadaístas;*
- g) instituição de uma junta consultiva dadaísta em todas as cidades com mais de 50 mil habitantes, para a reestruturação da vida;*
- h) realização imediata de uma propaganda grandadaísta, com 150 circos para esclarecimentos do proletariado;*

2. *Kurt Hiller*. escritor expressionista, presidente, em 1918, do Conselho Político dos Trabalhadores Intelectuais, em Berlim, fundador do ativismo expressionista. *Alfred Adler*, aluno de Sigmund Freud; fundador da Psicologia Individual.
3. *Der Sturm* (A tempestade): revista literária expressionista, fundada em 1910 e editada por Herwarth Walden.

i) *controle de todas as leis e decretos pelo Comité Central Dadaísta da Revolução Mundial;*

k) *regulamentação imediata de todo relacionamento sexual no sentido dadaísta internacional através da ereção de uma Central Sexual Dadaísta.*

O Cômité Central Dadaísta Revolucionário Grupo Alemanha: Hausmann, Huelsenbeck, Golyscheff. ’ ’

(In: RIHA, *Dada Berlin*, p. 61)

PANFLETO CONTRA A CONCEPÇÃO DE VIDA WEIMARIANA

“Eu anuncio o mundo dadaísta. Eu me rio da ciência da cultura, estes fusíveis de segurança de uma sociedade condenada à morte. O que me interessa saber como era Martinho Lutero?

Eu o imagino um homenzinho barrigudo. Ele era como o Encarregado do Povo Ebert. Para que precisamos ler as falas de Buda — é melhor termos uma falsa imagem de excursos filosóficos. Ou saber que existiam no Çambriano libélulas gigantescas em cuja honra a pressão atmosférica era maior do que hoje. Ou que 227 bilhões de átomos fazem uma molécula do tamanho de um décimo de milímetro cúbico. Mas ainda menos importantes do que estas incontrolabilidades são para mim os escritores sérios. Porque é melhor ser comerciante do que escritor.

O comerciante engana abertamente e só aos outros: isto está justificado no Código Civil. O escritor engana-se a si próprio quando fala por todos e está condenado por seu isolamento do mundo super-real.(...)

(...) E não sou somente contra o espírito de Potsdam⁴ — eu sou antes de tudo contra Weimar. Consequências ainda mais lastimáveis que o velho Fritz⁵ acarretaram Goethe e Schiller — o governo Ebert-Scheidemann foi uma consequência natural da inconsistência tola e ávida do classicismo poético. Este classicismo é uma farda, a métrica capacidade de vestir coisas que não tocam no viver. (...) Todavia a loucura é mais bela que a pálida razão, sejamos pois nós mesmos. Vivamos à nossa própria custa. O que é democracia? A vida — burilada pelo medo por nosso pão de cada dia.

Queremos rir, rir e fazer o que nossos instintos mandarem. Não queremos democracia, liberdade, desprezamos o coturno do consumo intelectual, não estremecemos diante do capital. Nós, para quem o espírito é uma técnica, um meio auxiliar. NOSSO meio auxiliar, nenhum nobre lavar as mãos em recolhimento: Não cindiremos argutamente conceitos ou nos curvaremos diante do puro conhecer—nós vemos aqui somente meios de representarmos nosso jogo do conscientizar-se, do tomar consciência do mundo, impulsionados por nosso instinto; e queremos ser amigos daquilo que seja o açoitado do homem tranquilizado: vivemos para o inseguro, não queremos o valor e o sentido que acariciam o burguês — queremos não-valor e não-sentido! Nos revoltamos contra os compromissos de Potsdam-Weimar, eles não são criados para nós.

Queremos criar tudo, nós próprios — nosso novo mundo!

4. *Potsdam*: cidade da Alemanha, chamada Versalhes prussiana, residência imperial do século XVII e XVIII, no palácio Sanssouci.
5. *Fritz*: referência a Fritz von Unruh, dramaturgo expressionista.

O Dadaísmo lutou, como única forma artística do presente, por uma renovação dos meios de expressão e contra o ideal de formação clássica do cidadão amante da ordem e sua última ramificação, o Expressionismo!

O Club Dadá representou na guerra a internacionalidade do mundo, ele é um movimento internacional antiburguês!

O Club Dadá foi a Fronda⁶ contra o ‘trabalhador do espírito’ contra os “intelectuais”!

O dadaísta é contra o humanismo, contra a formação histórica!

Ele é: pelo viver por si próprio!!”

(HAUSMANN, *Der Einzige 14*, 1919. Apud:

RIHA, *Dada Berlin*, pp. 49-52).

Não termina aí, nas ações de Baader ou nos panfletos e manifestos de Hausmann e Huelsenbeck, o que se pode chamar de vida política de Dadá-Berlim. Há outras manifestações igualmente políticas (talvez apenas menos partidárias e, portanto, mais complexamente dadaístas) e tão importantes quanto os manifestos contrários à República tal qual se concretizara. Quero destacar algumas delas:

- a) a I Feira Dadá Internacional na Galeria Burchard;
- b) a presença de Franz Jung (agraciado com o título de Dadanarquista);
- c) a atividade da Editora Malik e sobretudo seu departamento Dadá.

Vamos então verificar cada um deles, não sem antes reiterar, contudo, que não se pode esquecer de maneira alguma a atividade do Oberdada como componente mais exemplar da faceta político-parodista de Dadá-Berlim.

6. Fronda: partido político francês que lutou contra Mazarino durante a menoridade de Luís XIV e precipitou a guerra civil (1848-53).

a Feira Dadá Internacional

A I Feira Dada Internacional, de 1920, na Galeria Burchard foi, segundo um dos componentes do Club Dadá, o cabaretista Walter Mehring “uma exposição de obras políticas provocadoras como expressão do ódio contra aquela autoridade que nos tinha levado até aquele ponto” (Cf. MEYER, *Dada in Zürich und Berlin 1916-1920*, p. 250).

A definição, no fundo mais expressionista que dadaísta, em quase nada evoca o espírito da exposição, cheia de humor e travessuras. Ao lado das colagens, fotomontagens e objetos diversos, estava, suspenso junto ao teto um manequim vestido de militar, com quepe e demais acessórios. Só que a cabeça era uma máscara de porco. A obra custou aos seus autores um processo por ofensa às Forças Armadas. Baader apresentou, ainda desta feita, o seu *Grande Drama Plasto-Dio-Dada ou Grandeza e Decadência da Alemanha*, uma construção gigantesca de madeira, garrafas, papel, metal, etc, assim descrita no catálogo da feira:

Sieg, Triumph, Tabak

171 / Das große Plasto-Dio-Dada-Drama:
DEUTSCHLANDS GROSSI UND UNTERGANG
 durch Lehrer Hagendorf
 oder
 Die phantastische Lebensgeschichte
 des Oberdada
 Verfasst von PAUL SIEGEMANN, ERNST ROWOHL und KURT
 WOLFF (Hannover, Berlin und München)
 Dadaistische Monumentalarchitektur in fünf Stock-
 werken, 3 Anlagen, einem Tunnel, 2 Aufzügen und einem
 Cylinderabschluss.
 Beschreibung der Stockwerke:
 Das Erdgeschoss oder der Fußboden ist die predestinierte Be-
 stimmung vor der Geburt und gehört nicht zur Sache.
 I. Stockwerk: Die Vorbereitung des Oberdada
 II. Stockwerk: Die metaphysische Prägung.
 III. Stockwerk: Die Einweihung.
 IV. Stockwerk: Der Weltkrieg.
 V. Stockwerk: Weltrevolution.
 Ueberstock: Der Cylinder schraubt sich in den Himmel und ver-
 kundet die Widerauferstehung Deutschlands durch Lehrer Hagendorf
 und sein Leseputz. Ewig.



Die im Katalog mit einem Sternchen (*) versehenen Arbeiten werden
 nach Schluß der Ausstellung in der Société Anonyme, Inc., open its First
 Exhibition of Modern Art, 19 East 47th Street, New York ausgestellt. Es sind
 dies die ersten deutschen Dada-Arbeiten, die in Amerika gezeigt werden.

*“O Grande Plasto-Dio-Dadá-Drama:
Grandeza e Decadência da Alemanha
pelo professor Hagendorf*

*ou A fantástica história da vida do
Dadá-Supremo, editada por PAUL STEGE-
MANN, ERNSTROWOHLT e KURT WOLFF
(Hannover, Berlim e Munique).*

*Arquitetura monumental dadaísta em 5 an-
dares, 3 instalações, 1 túnel, 2 elevadores e
um arremate em forma de cilindro.*

Descrição dos andares:

1? andar: A Preparação do Supradadá

2? andar: A Prova Metafísica

3? andar: A Iniciação

4? andar: A Guerra Mundial

5? andar: Revolução Mundial

*Sobrepeça: O Cilindro se parafusa no céu
e anuncia a ressurreição da Alemanha atra-
vés do professor Hagendorf e seu púlpito.*

Eterno.”

(Baader, *Oberdada*, p. 90).

Na parte inferior da parte dianteira do prospecto da Feira, de ponta cabeça, a seguinte frase de Hausmann:

*‘ O homem dadaísta é o adversário radical
da exploração, o sentido da exploração cria
somente tolos e o homem dadaísta odeia
tolice e ama o ‘nonsense \ Portanto mostra-
se o homem DADAÍSTA como VERDADEI-
RAMENTE real diante da fedorenta menti-
ra do pai de família e capitalista espregui-
çando em sua poltrona. ’ ’*

(HAUSMANN. In: *Prospecto da I Feira Dadá
Internacional*)

Esta Feira caracterizou-se pela presença de trabalhos, obras, objetos de numerosos (não) dadaístas, mesmo não-berlinenses: dentre estes, Dadamax Emst (Colônia) Francis Picabia (Paris), Hans Arp (Zurique), Baargeld (Colônia), Otto Dix (Dresden), W. Stuckenschmidt (Magdeburg), Rudolf Schlichter (Karlsruhe), Otto Schmalhausen (Antuérpia),



O Grande Plasto-Dio-Dadá-Drama, Berlim, 1920.

Ben Hecht (Chicago); dentre os berlinenses, o propâganDadá George Grosz, o daDásofo R. Hausmann, Hannah Höch, o Dadamonteur John Heartfield, Max Schlichter (Dada-mes-trecuca), Wieland Herzfelde e o prolífero Johannes Baader, o SupraDadá. Constan do Catálogo 174 obras expostas:

— Dadá-fotos de John Heartfield;

— “Corte com a faca de cozinha Dadá através da última época Weimariana de cultura da barriga de cerveja da Alemanha” (Colagens), de Hannah Höch;

— obras de Baader, de A a I e de N a Z, incluindo o seu cartão de visitas;

— inúmeras montagens de Grosz e de Heartfield e também inúmeros trabalhos de Hausmann.

Como ação coletiva a Feira foi provavelmente o maior empreendimento coletivo de Dadá. Mais abrangente e de maior alcance que as matinés, soirées e outras sessões em teatros e salões promovidos pelos berlinenses de Dadá, a Feira, pelo que se deduz de tudo o que restou de documentação fotográfica, causou um enorme impacto no cenário artístico e político de Berlim. Pelos processos movidos contra os dadaístas, temos hoje a medida provável da alta temperatura satírica e provocativa do evento.

o Breve Estágio de Franz Jung em Dadá-Berlim

O denominado dadanarquista participou de eventos de Dadá apenas nos primeiros tempos. George Grosz relata, em sua autobiografia *Um pequeno Sim e um grande Não*:

*‘Huelsenbeck trouxe Dadá para Berlim onde a coisa tomou imediatamente traços políticos. Em Berlim soprava um outro vento. A face estética foi mantida, na verdade, mas cada vez mais suplantada por um tipo de política anarquista, cujo principal porta-voz era o escritor Franz Jung. Jung era um personagem rimbaudiano, uma natureza aventureira que não recuava diante de nada. Ele associou-se a nós, e, como vigoroso ser humano que era, influenciou imediatamente todo o movimento Dadá. Era um grande bebedor e escrevia também livros em um estilo dificilmente legível. Ficou famoso por algumas semanas quando, com seu ajudante, o marinheiro Knuffgen, capturou um vapor no Mar Báltico, mandou conduzi-lo para Leningrado e o apresentou aos russos em uma época em que todos já falavam da iminente vitória dos comunistas e na Alemanha quase já não existia uma autoridade definida. *’*

(GROSZ, *Ein kleines Ja und ein grosses Nein*, p. 129)

O depoimento de Hausmann:

‘Dada-Berlim não surgira da revista Die Freie Strasse (A Rua Livre)? Die Freie Strasse não era um libelo da mais alta seriedade

que combatia as formas tradicionais da sociedade, a proposição de inferioridade da mulher e dos descendentes com direto a herança na família patriarcal? Quem havia fundado esta revista senão o, no fundo discrepante, talvez mesmo “esquizofrénico”, ambíguo Franz Jung? Foi ele também que incentivou o Club Dadá em sua primeira manifestação pois sem o oitavo número da Freie Strasse que saiu como prospecto, sem esse auxílio, Dadá não teria sido talvez nunca o que foi em Berlim, o que foi na Alemanha.

(HAUSMANN, *Am Anfang War Dada*, p. 91).

E, sobre Dadá, relata o próprio Franz Jung em sua autobiografia, publicada em 1961, *Der Weg Nach Unten* (O caminho para baixo):

‘O que parecia se formar em Berlim como movimento não tinha mais muito em comum como o movimento Dadá que se concentrou em Zurique no Cabaret Voltaire, a não ser apenas o nome que se mostrou muito apropriado para nossas provocações.(...) O que hoje ainda deste período de transição é designado Dadaísmo, isto é, a disposição para a revolução, traz injustamente este nome. Quando o Dadaísmo na Alemanha subiu ao pódio diante do público, a revolução já havia passado, ela já havia fracassado já antes da proclamação da República.

(Apud: HAUSMANN, *Am Anfang war Dada*, pp. 91-92).

Ao buscar em Dadá, nas atividades, nos manifestos, nas ações a presença de Franz Jung, o dadanarquista, tem-se a impressão de estar diante de um dos muitos nomes apenas mencionados. Suas contribuições quase não aparecem: não participou assiduamente das soirées, matinés ou eventos. Não criou obras, não promoveu ações, a não ser o sequestro

Prospecto da *Verlag Freie Strasse***PrOSpekT**des **VERlag**
sR Hül^snbeck_efreie **S_trabe**f juNg man
r. haus nHerau^s
geber

do navio, o que, de resto não se reivindicou como ação dadaísta, mas ação político-anarquista.

Estes dados não se coadunam, entretanto, com as afirmações acima onde, tanto Grosz como Hausmann, conferem a ele as honras quase de um Dadá-Mor. Uma contradição não resolvida? Ou uma participação efetivamente hipervalorizada apenas pelos companheiros? Como entender então a não-inclusão de F. Jung na relação das biografias de RIHA, *Dada Berlin*. (Editora Reclam)?

Franz Jung foi um ativista político: já na Primeira Guerra teve contatos com a Liga Spartacus: desertou e foi preso; colaborou com o *Rätezeitung* (Jornal dos Conselhos) durante a Revolução de Novembro; participou da ocupação de uma

agência telegráfica durante o levante de Spartacus em Berlim, janeiro de 1919; orador da Liga Spartacus; adesão à oposição de esquerda do Partido Comunista; trabalhou com Piscator, temporariamente com Brecht; tentativa de organização de grupos de resistência aos Nacional-Socialistas, etc. Contudo, pesa sobre ele a grande suspeita de haver trabalhado depois para a Gestapo como espião, uma vez que, no processo contra o Grupo de Resistência ao qual pertencia, não foi condenado. (Cf. PETER, *Literarische Intelligenz und Klassenkampf** p. 210).

Conhecidas suas peripécias, agravam-se as contradições a serem resolvidas em relação a Dadá. Um dado todavia permanece: a figura (ou a personagem?) Franz Jung, politicamente confusa (ao que indicam suas posições políticas), nem partidária, nem sempre coerente (Cf. PETER, p. 125), empresta a Dadá, por momentos sua imagem política (ou político-dadaísta). Em um outro momento de sua autobiografia define-se Franz Jung como ‘jornalista econômico, escritor, anarquista nobre, boêmio e dadaísta’. (Cf. PETER, p. 126). Não é pequena, portanto, a contradição e provável falta de isenção que impera em tomo do Dadanarquista.

Resume Hanne Bergius com precisão: “Jung produz a ligação direta entre a revolta artística e o fracasso da revolução”. (In: RIHA, *Dada Berlin*, p. 171).

Franz Jung junta-se assim ao grupo dos dadaístas tão radicais que chegam a confundir. De resto, este traço importante de sua normalidade dadaísta é confirmado pelo fato de, como Grosz e Baader, ter passado na guerra por um manômio. E, com isto, aliado à sua política anarquista, estar constituindo um outro “da” de Dadá, preconizado por Baader quando fala:

“Quem é dadaísta?

Um dadaísta é um homem que ama a vida em todas as suas formas ilimitadas e que sabe e diz: não somente aqui, mas também lá, lá, lá (da, da, da) está a vida!”

(BAADER. Apud: RIHA, *Dada Berlin*, p. 40)

a Editora Malik

Um dado pouco explorado de Dadá-Berlim — e um dos mais distintivos em relação aos outros Dadás — é o uso dos meios de comunicação, vale dizer, o uso dos recursos da “reproduzibilidade técnica”(Benjamin). As revistas em que publicou, além de sua própria, *Der Dada*, foram as seguintes:

a) *Der blutige Ernst* (A sangrenta seriedade ou A mais profunda seriedade), revista satírica editada por Gari Einstein e George Grosz em seus números 3 e 4 (por John Höxter o n.º 1) Berlim 1919;

b) *Der Einzige* (O único), editada por Anselm Ruest e Salomo Friedländer. Editora Der Einzige, Berlim, 1919;

c) *Die freie Strasse* (A rua livre), editada por Franz Jung, Editora Freie Strasse, Berlim, 1918;

d) *Der Gegner* (O opositor), editada por Julian Gumperz e Wieland Herzfelde, Editora Malik, Berlim, 1919-1921;

e) *Jedermann sein eigener Fussball* (Cada um sua própria bola de futebol). Saiu um único número e foi proibido imediatamente. Editado por Wieland Herzfelde, Editora Malik, Berlim, 1919;

f) *Neue Jugend* (Nova Juventude), editado por Wieland Herzfelde, Editora Malik, Berlim, 1917;

g) *Die Pleite* (A falência), editada por George Grosz e Wieland Herzfelde, Editora Malik, Berlim, 1919;

h) *Der Dada* (O Dadá), o legítimo veículo dos dadaístas de Berlim saiu em 3 números. Os dois primeiros tinham como editor Raoul Hausmann e o terceiro, George Grosz, John Heartfield e R. Hausmann (constando todavia como Groszfeld, Hearthaus e Georgemann). Editora Malik, Berlim, 1919-1920.

A notícia de jornal, provocada intencionalmente através das cartas enviadas por Baader anunciando esta ou aquela ação espetacular (que na maior parte das vezes não se realiza), ou ainda a notícia veiculado esta ou aquela ação não

anunciada, ajudam a compor este traço fundamental do Dadá Berlim. Um estudo das possíveis notícias publicadas pela imprensa da época ainda não existe, tomando difícil uma avaliação mais precisa da recepção de Dadá. Um exemplo contudo de ação dadaísta de grande repercussão foi a ação de Baader de 17 de novembro de 1918. O “Oberdada” foi ao culto matinal na Catedral de Berlim e, no momento em que o pregador Dryander iniciava o sermão, Baader o interrompe e diz alto: “Um momento! Eu lhe pergunto: o que lhe significa Jesus Cristo? O senhor está pouco ligando para ele (Ele lhe é língua)”.⁷ Houve um grande tumulto, Baader foi preso e acusado por ofensa a Deus. Este evento provoca grande repercussão na imprensa.

Existe, assim, uma relação muito rica em significado entre Dadá e o jornal, a notícia. Isto se confirma — também nas falsas notícias criadas pelos dadaístas e principalmente por Baader. Esta relação aponta provavelmente para uma visão parodística do registro jornalístico e, levada às últimas consequências, do próprio registro historiográfico.

Ainda dentro das técnicas de dar publicidade a si próprio, usadas por Dadá-Berlim, parece ter sido importante o papel desempenhado pelos slogans, clichés, frases feitas e similares, divulgados por filipetas, papeletas, volantes e panfletos, distribuídos ou colados nos mais diversos lugares. Um saboroso depoimento de Grosz a respeito:

“(...) mas também nós tínhamos títulos e funções. Eu, por exemplo, era o Propagandadadá, que constava no meu cartão de visitas entre o nome e a frase, em tipografia miúda, ‘Como pensarei amanhã?’ Eu tinha que inventar palavras de ordem que servissem à boa causa do Dadaísmo. como: ‘Dadá aí está’ ou ‘Dadá vence’ ou ‘Dadá, Dadá acima de tudo!’ Nós imprimíamos estas palavras de ordem em papeletas e, em pou-

7. A frase alemã “*Er ist Ihnen Wurst!*” significa “Ele não tem a menor importância para você/o senhor!”. A palavra *Wurst*, entretanto, isoladamente quer dizer “língua, salsicha”.

co tempo, estavam vitrines, portas de casas, mesas de cafés emplastados com aquilo, em toda a Berlim. Era realmente alarmante. O Berliner Zeitung am Mittag trouxe todo um artigo sobre o perigo dadaísta. Escada acima, escada abaixo, à direita, à esquerda, em cima e em baixo, colávamos nossas pa-peletas.”

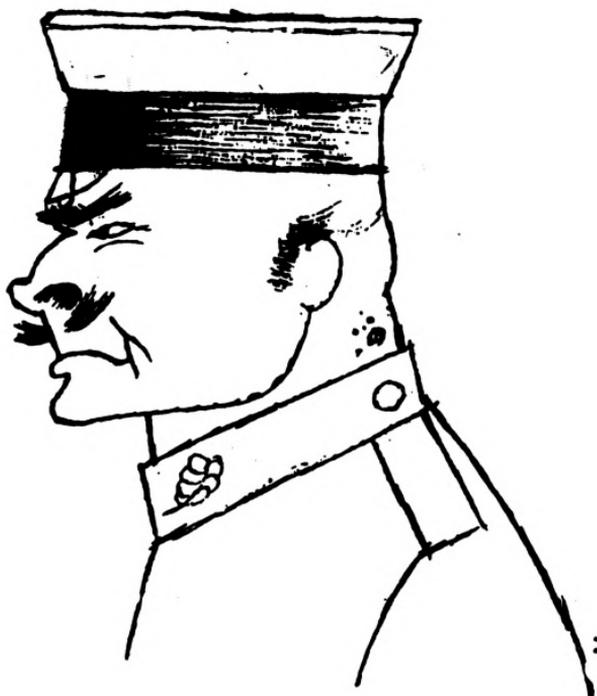
(GROSZ, *Ein kleines Ja und ein grosses Nein*, p. 131).

Die Pleite

40 Pf. 1. Jahrgang, Nr. 5

Der Malik-Verlag, Berlin-Leipzig
Herausgeber: WILHELM HEINZ 1914, und Ed. 1918, 1919/20

15. Dezember 1919 40 Pf.



DIE DEUTSCHE PEST

Salta aos olhos o zelo com que era tratada a divulgação de Dadá em Berlim. Mas, além da publicidade pelas papélicas coladas, pelas notícias de jornal, pelas revistas, acima de toda esta divulgação, pode-se dizer, maciça, Dadá-Berlim tem uma editora, o *Malik-Verlag*.⁸ E por mais que se queira minimizar o fato, uma vez que a Editora vinculou-se Posteriormente ao Partido Comunista, o *Malik-Verlag* estava profundamente ligado à consciência Dadá. Basta olharmos o anúncio da editora para nos convenceremos desta inegável filiação a Dadá.

O nascimento do *Malik-Verlag* antecede a Dadá, na verdade. Mas tem raízes plantadas na negação do Expressionismo. Os irmãos Helmut e Wieland Herzfeld (depois John Heartfield e Wieland Herzfelde) são os fundadores da editora. O primeiro, mais velho, se tomará John Heartfield como forma de protesto ao nacionalismo germânico, que se deixava expressar mesmo nas formas de cumprimento frequentes na época da guerra, como por exemplo “*Gott strafe England*” (Deus castigue a Inglaterra), que tinha como resposta “*Gott strafe es*” (Que Deus a Castigue). O segundo toma-se Wieland Herzfelde.

Mas na base destas mudanças de nome, que apenas indiciam uma mudança mais profunda, está um artista de nome George Grosz (também já anglicizado), a quem os irmãos Herzfeld ficaram conhecendo em 1915.

“Grosz teve sobre nós o efeito de uma ducha fria: chocantemente desilusivo e extraordinariamente avivador.”

(HERZFELDE, *Der Malik Verlag 1918-1947*, p. 7)

Heartfield entusiasmou-se tanto com a visão cáustica e o estilo duro dos desenhos de Grosz que destruiu suas paisagens e sua produção lírico-adocicada, assumindo uma linguagem totalmente diversa da anterior e sobretudo despertando a vontade de divulgar os trabalhos de Grosz, até então apenas esporadicamente publicados e, além do mais, mal reproduzidos.

8. O *Malik-Verlag* foi chamado por Richard Huelsenbeck de DADA-VERLAG, no “Primeiro Discurso Dadá da Alemanha”, de fevereiro de 1918.



Nasce aí a idéia da fundação de uma revista. A abertura de novas revistas e jornais estava proibida, entretanto, em face da guerra. Os dois irmãos descobrem um estudante que possuía a autorização de impressão para uma revista, já desde antes da guerra, da qual haviam saído em 1914 seis números. Entram em um acordo com o jovem editor e em 1916 sai o número 7 da revista *Neue Jugend*, tendo como editor Wieland Herzfelde e responsável pelos artigos John Heartfield. A redação declara que “o conteúdo dos números anteriores não corresponde às nossas intenções atuais.

Assumimos unicamente o título da *Neue Jugend* e a tendência já presente nela: publicar o trabalho de jovens

autores, intelectuais, desenhistas e músicos(...) a todos artistas e intelectuais europeus que não estejam senis e não sejam sóbrios e submissos solicitamos colaboração e atuação. "(Cf. TÖTEBERG, *John Heartfield*, p. 19).

Ao que tudo indica, o trabalho com a revista foi assumido em sua maior responsabilidade, por Herzfelde.

Heartfield atuava como ajudante. Mas Herzfelde é chamado para o frente (Heartfield, em seu tempo, simulara doença mental e, internado, conseguira livrar-se). John assume a revista e não demora a se desentender com o editor, que começa a reivindicar, contra o acordo feito, direitos sobre a redação. Acrescente-se aí que a *Neue Jugend* (revista e editora) é proibida em abril de 1917. Heartfield requer a permissão para continuar publicando o romance de Else Lasker-Schiiler, *Der Malik*, que havia sido iniciado na *Neue Jugend*:

‘ *Estamos compromissados a publicar integralmente o romance, ele trata de um príncipe turco, portanto um aliado nosso. Solicitamos, para fins da publicação deste romance, a concessão editorial. A editora denominaríamos, segundo o romance a publicar, Editora Malik* ’ \

(HEARTFIELD. Apud: TÖTEBERG, *John Heartfield*, p. 20)

A licença é concedida e Heartfield lança um número duplo da *Neue Jugend*, já em novo formato, e, nada a ver com a sequência do romance, uma tipografia arrojada e agressiva.

Franz Jung entra para a redação e é provavelmente o responsável pelos textos anônimos provocadores e pelas frases soltas. Heartfield solta aí as rédeas da diagramação, ainda sem conhecer Dadá, mas já se aproximando, sem o saber.

Wieland, no frente, recebe a nova *Neue Jugend*, onde consta não mais *Verlag Neue Jugend* mas *Malik-Verlag*.

A explicação de como isto foi financeiramente possível dá-nos Herzfelde. Resumo-a em seguida.

Buscava-se uma gráfica que entrasse com papel e impressão e, fiado! Herzfelde e Heartfield percorreram livrarias

e anotaram os endereços das gráficas dos mais bem impres-
 sos livros. Cartas a todas elas e, como Heartfield tinha estu-
 dado na Escola de Artes Aplicadas em Munique e em Berlim
 e dominava a linguagem técnica, diz Wieland, “as cartas
 foram levadas a sério” * e respondidas com amostras de tipos
 e papéis.

A oferta mais cara foi feita por Dietsch & Briickner, de
 Weimar. Esta foi a escolhida. E com o raciocínio seguinte:



n

Assim, enquanto outros Dadás, especialmente Paris e Zurique estiveram/estavam/estariam ocupados em 4 'épater le bourgeois' através da literatura e da arte, mesmo que explorando seus limites, Dadá-Berlim não utiliza apenas a literatura e a arte como matéria-prima, mas a propaganda, o jornal, a notícia, a informação, as figuras políticas e a própria práxis política.

* 'Dadá foi o conflito o com TUDO.

(HAUSMANN, Am Anfang War Dada, p. 7).

Direktion r. hausmann
Steglitz zimmermann
strasse 34

DER dada

50 Pfg.

- 0 A D S B D A T T S A -

1918

dadadegie

hausmann - baader



3/ 3333/3333

5,0

13: 7 - 1.8574885

80
40
50
10
30
20
60
10

Ach

3,14159

CAZ



5.9.2.1 8.3.4.7.10.11.6

Jahr 1 des Weltfriedens. Avis dada
Hirsch Kupfer schwächer. Wird Deutschland verhungern?
Dann muß es unterzeichnen. Fische Junge Dame, zweiundvierziger Figur für Hermann Loeb. Wenn Deutschland nicht unterzeichnet, so wird es wahrscheinlich unterzeichnen. Am Markt der Einheitswerte überwiegen die Kursrückgänge. Wenn aber Deutschland unterzeichnet, so ist es wahrscheinlich, daß es unterzeichnet um nicht zu unterzeichnen. Amorstele. Achtuhr-abendblattmitbrausendeshimels. Von Viktorhahn. Lloyd George meint, daß es möglich wäre, daß Clémenceau der Ansicht ist, daß Wilson glaubt, Deutschland müsse unterzeichnen, weil es nicht unterzeichnen nicht wird können. Infolgedessen erklärt der Club dada sich für die absolute Preßfreiheit, da die Presse das Kulturinstrument ist, ohne das man nie erfahren würde, daß Deutschland endgültig nicht unterzeichnet, bios um zu unterzeichnen. (Club dada, Abt. für Preßfreiheit sowell die guten Sitten es erlauben)

Die neue Zeit beginnt mit dem Todesjahr des Oberdada

Ad 1
Mitwirkende: Baader, Hausmann, Huelsenbeck, Tristan Tzara.

Capít ul o IV

“Aç ã o , Aç ã o ..”

“Ação, ação, foi-se o tempo da criação em papel enegrecido, esta vaidade individual.”

(HAUSMANN, *Am Anfang war Dada*, p. 16)

A

Se, por um lado, a “palavra de ordem” exigia a ação, e, por outro, as “obras” dadaístas pereceram, desapareceram, foram destruídas, natural ou inaturalmente, o que restou foram relatos. Relatos de testemunhas e principalmente dos próprios dadaístas, em suas autobiografias, memórias e depoimentos, não raro apenas meio século depois dos acontecimentos, meio século de esquecimento. E, mais uma vez, a tônica destes relatos que chegam até nós se situa não nos poemas, não nos quadros, montagens, assemblages, esculturas e “obras convencionais”, mas nas ações. São numerosos os relatos de ações contidos nos livros de memórias dos protagonistas de Dadá Berlim. De Hausmann, o *Am Anfang war Dada* (No princípio era Dadá), de 1971; de Grosz, o *Ein kleines Ja und ein grosses Nein* (Um pequeno sim e um grande não), de 1955; de Wieland Herzfelde *Zur Sache* (Ao assunto) e *Immergrün* (Sempreverde), respectivamente de 1976 e 1968; de Huelsenbeck, *Mit Witz, Licht und Grütze*.⁹ *Auf den Spuren des Dadaismus*. (Com piada, luz e cuca. Nos rastros do Dadaísmo), de 1957; de Hans Richter, *Dada — Kunst und Anti-Kunst* (Dadá — arte e anti-arte), de 1964; de Franz Jung, *Der Weg nach unten* (O caminho para baixo), de 1961; de Walter Mehring, *Berlin Dada. Eine Chronik mit Photos und Dokumenten* (Berlim Dadá. Uma crônica com fotos e documentos), de 1959.

Daí resulta então aquilo que mais incomoda a crítica: a ausência da obra, a ausência de sua materialidade preservada. E, se a obra dadaísta já é um embaraço para os cânones de estudo crítico da obra, o que se dirá então se esta obra

9. Grütze significa: a) papinha, comida infantil; b) massa cinzenta, inteligência.

(que apenas se diz ter existido) não deixa registros, se destrói, ou é simplesmente desprezada pelos seus criadores? Dá-se uma espécie de destruição da “memória artística” de DADÁ, quando se nega, se destrói, despreza a obra enquanto documento, enquanto registro, enquanto materialidade. Também aí DADÁ se destrói, construindo uma macro-ação, uma ação coletiva, um acordo tácito, comentadores das bases documentais da historiografia das séries culturais, historiografia fundada na percepção imediata e estática dos resultados apenas, nunca dos processos, nunca das relações dinâmicas de uma obra com suas, próximas, com sua gênese, com o seu autor, com o seu momento histórico, ou seja, da obra enquanto processo vivo. * DADÁ destrói toda a base material deste procedimento em seu implodir-se. “Dada prevê sua própria morte e se ri. A morte é um assunto perfeitamente dadaísta.” (Huelsenbeck).

Was die Kunstkritik nach Ansicht des Dada-sophen zur Dadaausstellung sagen wird.

Vorweg sei bemerkt, daß auch diese Dada-Ausstellung ein ganz gewöhnlicher Blödsinn, eine niedere Spekulation auf die Neugier des Publikums ist — eine Unachtsamkeit lohnt nicht. Während Deutschland betaubt und zuckt in einer Notlagekrise von noch nie gekannter Dauer, während die Zusammenkunft in Spina unser köstlich Los immer weiter ins Ungewisse rückt — gehen diese Burschen her und machen trübsinnige Trivialitäten aus Lampen, Abfällen und Müll. Eine so dekadente Gesellschaft, der es an allem und jedem Können und ernstlichen Willen gebricht, ist noch selten in solcher Unverfrorenheit vor die Öffentlichkeit getreten, wie es hier die Dadaisten wagen. Nichts kann bei ihnen mehr überzucken; alles geht unter in Krämpfen der Originalitätswut, die, alles Schöpfungstriebe bar, sich anstellt in albernen Mätschen. „Mechanisches Kunstwerk“ mag ein iä Kulland hingängiger Typus sein — hier ist es talent- und kunstlose Nachaherei, das äußerste an Snobismus und Fröhenheit der ernsthaften Kritik gegenüber. Selbst das einzige mäßige Talent unter der Horde, der Zeichner Grosz, enttäuscht; gerade an ihm wird deutlich, welche Charakterchwäche und Widerstands-unfähigkeit gegenüber dem modischen Zwang und der Sucht nach „Neuheiten“ eine Begabung äußern können mitten in den Sumpf der Langeweile, der Verwirrung und des platten Bierulks. Oh Grossewald, Durer und ihr andern großen Deutschen, was würdet ihr dazu sagen!? Das auf dieser Ausstellung Gezeigte ist durchweg auf einem so tiefen Niveau, daß man sich wundern muß, wie ein Kunstsalon den Mut haben kann, diese Nachwerke gegen ein immerhin hohes Eintrittsgeld zu zeigen. Der vielleicht irreguläre Inhaber des Salons sei gewarnt über die Dadaisten aber breite sich göddiges Schweigen!

Rudolf Hausmann.

“O que a crítica de arte dirá sobre a exposição Dadá, na opinião do Dadásofo.”

‘Que seja enfatizado de antemão que também esta Exposição Dadá é uma corriqueira blefe, uma baixa especulação sobre a curiosidade do público — não vale a visita. Enquanto a Alemanha estremece e se confrange em uma crise de governo de dura-

Dção jamais vista, enquanto a reunião em Spa¹⁰ e empurra nossa sina futura cada vez mais para o desconhecido, vêm lá estes marotos a fazer inconsoláveis trivialidades a partir de trapos, detritos e lixo. Uma sociedade tão decadente, à qual faz falta toda e qualquer capacidade e vontade sinceras, apresentou raras vezes tamanho descaramento como ousam aqui os dadaístas. Nada consegue, com eles, surpreender mais. Tudo vai a pique nos espasmos da furia da originalidade que, destituída de toda criatividade, se satisfaz em parvas tolices. ‘Obra de arte mecânica’ pode ser um tipo comum na Rússia — aqui é macaquice sem talento e sem arte, o cúmulo do esnobismo e do atrevimento diante de uma crítica séria. Mesmo o único talento médio moderado dentro da horda, o desenhista Grosz, decepciona; justamente nele toma-se visível até onde a fraqueza de caráter e a incapacidade de resistir ao impulso da moda e da busca do ‘mais novo’ podem levar uma vocação — para o meio do pântano da monotonia, da aberração e do reles trivial gracejo de boteco. Oh, Grünewald, Dürer, e vós, grandes alemães, que direis disto? O que se mostra nesta Exposição é, sem exceção, de um tão baixo nível que só nos podemos espantar com o fato de um Salão de Arte ter a coragem de exhibir estes artefatos grosseiros contra um preço de ingresso ainda mais caro. O proprietário do Salão, talvez induzido ao engano, que fique advertido — sobre os dadaístas espalha-se misericordioso silêncio!”

(HAUSMANN, *Catálogo da I Feira Internacional Dadá*)

10. Na Conferência de Spa, em julho de 1920, foi decidido o desarmamento da Alemanha.

Dadá se antecipa à crítica (com isto dispensa o seu trabalho, matando-a por inanição). Assimila o seu oposto, sob a forma de paródia, a foto pelo negativo, acentuando contornos inusitados, buscando a sua própria negação, a sua própria destruição. A Exposição, já em seu prospecto, se auto-destrói pelo texto de Hausmann (e desperta, por este caminho, um interesse inusitado). A Exposição não é apenas uma obra, ou um conjunto de obras reunidas num único espaço. É sobretudo uma ação de fazer-desfazer. O importante aí é poder desfazer, fazer de novo e (deixar-se) desfazer.

As grandes obras dadaístas foram feitas de forma a conterem em si sua própria inviabilidade, pela sua hipertrofia, pelo seu gigantismo, pela sua irrealidade ou pelo seu exagero. Exemplo: o grande *Plasto-Dio-Dadá-Drama* de Baader, ou ainda o *Merz-Bau* (Construção Merz) de Schwitters (estendia-se por dois andares de sua casa de Hannover destruída em 1943 por um bombardeio), ou ainda os *HADO Handbücher des Oberdada* (Manuais do Supradada). Segundo o depoimento de Hausmann:

a

' *Suas montagens superavam as escalas: monstruosas quantidades e os maiores formatos. Era, nisto, comparável a Schwitters. Em todo lugar onde fosse possível, ele arrancava cartazes de paredes ou das colunas de publicidade e os carregava para casa, onde os classificava cuidadosamente. Ele colou, da sua colheita de cartazes, dentre outras coisas, um Handbuch des Oberdada HADO, sobre centenas de páginas de jornal como suporte, diariamente aumentados por novos documentos e manchas coloridas, letras, cifras ou mesmo representações figurativas. Ele criou, com isto, um tipo de literatura-montagem ou poesia-montagem.*

E pena que seu Manual se perdeu.

O primeiro HADO foi terminado em 26 de junho de 1919, às 3 horas da tarde; um segundo, no dia 28 de junho de 1920, conforme indica Baader com precisão no Catálogo da Feira Dada.'

(HAUSMANN, *Am Anfang war Dada*, pp. 57-8)

DA grande “obra descartável”, ao contrário dos preceitos da perenidade da obra de arte, estabelece, com Dada, uma nova valoração: a obra não é este objeto; o objeto é apenas um índice da obra. A verdadeira obra é a ação de produzir um objeto. Abaixo o fetiche do objeto artístico! E este objeto pode ser um livro, um poema, uma assemblage, uma soirée, um espetáculo teatral ou um concerto, uma exposição, um evento ou o registro de uma ação mesmo no meio da rua. Destrói o fetiche ao se destruir o registro único, fiel e autêntico do momento. Destrói aí a própria base do discurso historiográfico (da arte), centrado nas provas documentais, no irrefutável, no registro do fato unilateralizado, do objeto uniliteralizado. A escritura da pluralidade. “Também lá, lá, lá...(da, da, da...)” (Baader).

O QUE É DADÁ?

“O que é Dadá?

Uma arte? uma filosofia? uma política?

Um seguro contra fogo?

Ou: religião estatal?

Dadá é energia verdadeira?

ou é coisa nenhuma, i.e., tudo?”

(HAUSMANN, *Am Anfang war Dada*, p. 8)

Was ist **dada**?

Eine Kunst? Eine Philosophie? eine Politik?

Eine Feuerversicherung?

Oder: Staatsreligion?

ist **dada wirkliche **Energie**?**

oder ist es  **Garnichts, i.e.,
alles?**

X “Como dadaístas realizávamos ‘meetings’ nos quais, por alguns marcos de ingresso, não fazíamos nada a não ser dizer às pessoas a verdade, isto é, xingá-las. Não tínhamos papas na língua. Dizíamos: ‘Você, seu velho monte de merda aí na frente’, ‘sim, você lá de guarda-chuva, seu burro ingênuo’, ou: ‘não ria, seu boi chifrudo!’. Se alguém respondia, e naturalmente eles o faziam, então gritávamos, como no quartel: ‘cale a boca, ou você apanha na bunda’ e assim por diante...

Isto se espalhou rapidamente e logo estavam esgotadas as lotações de nossos ‘meetings’ e das nossas matinés de domingo de manhã. E cheias de pessoas se divertindo e se enraivecendo. Chegou ao ponto de precisarmos ter permanentemente policiais de segurança no salão, porque havia sempre pancadarias. Mais tarde a coisa ficou tão maluca que precisávamos sempre entrar com pedido de autorização no órgão policial competente...

Entrementes fazíamos ‘arte’. Mas acontecia o mais freqüentemente que este ‘Ato da Arte’ era interrompido. Mal começava, por exemplo, Walter Mehring a bater em sua máquina de escrever e a apresentar alguma coisa sua e já vinha eu, ou Heartfield, ou Hausmman, de trás do palco, e gritava: ‘Pare! Mas você não tem capacidade nem de enrolar os patetas lá embaixo?’ Freqüentemente preparávamos algo assim, porém mais freqüentemente improvisava-se, pois como sempre alguns tinham bebido, havia entre nós constantes quebra-paus que então simplesmente tinham sua continuidade em palco aberto, coram público...”

(GROSZ. *Apud* SIEPMANN, *Montage: John Heartfield*, p. 52)

vozes anunciaram que qualquer um poderia, como nós, se colocar no * 'pódio' \ concordamos e os conclamamos a fazê-lo. Depois de alguma hesitação inscreveram-se uns quinze jovens. Nós nos retiramos para o camarim. E lá estavam eles plantados no palco e não sabiam o que fazer. Estavam simplesmente apurados. Irromperam gargalhadas. Quanto mais eles ficavam lá plantados e conferenciavam, mais inquieta ficava a platéia. Enfim exigiu-se generalizadamente que os originais dadaístas deveriam continuar. Os amadores viraram novamente espectadores. Começamos uma esquete de Huelsenbeck, denominada "Agência de Propaganda Dada-Bumbum" \ Depois de algumas frases, o chefe exigia uma certa pasta A-Z. Este chefe, com dois telefones na escrivaninha, era representado por Huelsenbeck, e o auxiliar do escritório, por Erwin Piscator. Este buscou uma escada, subiu, mas ficou sentado lá em cima, diante das prateleiras com as pastas e chamou: 'Pare com esta bobageira, Richard.'⁹ O chefe não entendeu, naturalmente, o que ocorria ao servente. 'Como é, vem logo ? Eu preciso dos processos \ rangeu. E Piscator: 'Você parece achar que continuamos representando. Engano seu.' Grosz entrou no escritório. 'Erwin tem razão \ disse para Huelsenbeck, 'o que você escreveu aí... simplesmente chato.' O público não sabia se fazia parte da peça. Mas aí viemos todos para a frente: 'Sim senhor, Erwin tem completa razão. O Dadaísmo não está aí para fazer propaganda da sua idéia-disparate, de que você poderia fazer propaganda com ele. Isto é uma impertinência.'⁹ O público, calado. Huelsenbeck ficou vermelho como um peru. Fomos com ele para o camarim. Lá ele nos mudou de opinião; isto não poderíamos fazer a ele, um ridículo. Depois de algum

Z

tempo saíram ambos novamente e começaram mais uma vez. Desta feita o servente trouxe ao seu chefe uma pasta. E aí aplaudiram aqueles que tinham considerado o todo como uma coisa tramada, em meio a aios, gritos e gargalhadas. Nós, nos bastidores, contudo, nos aborrecíamos que nos tínhamos deixado persuadir. Quando daí a alguns minutos subimos de novo ao palco, o servente nos entendeu de imediato, foi até a frente do palco e declarou: ‘Nós só continuamos a representar um pouquinho para que vocês próprios se convençam: algo assim não pode ser encenado.’ (...)

Uma apresentação nos ‘Meistersàlen’ da rua Koethener foi anunciada como ‘competição entre uma máquina de costura e uma máquina de escrever.’ O Salão, não propriamente construído para estas competições, estava lotado. Durante uma boa meia hora a máquina de escrever matraqueava e uma folha atrás da outra era arrancada rápido da máquina, uma nova folha colocada, enquanto que a máquina de costura ininterruptamente pespontava crepe negra que, ao contrário do papel, era sem fim, quer dizer, com as duas pontas emendadas, de modo que, enquanto as pernas aguentassem, podia-se costurar eternamente; e o assistente tinha apenas que estar atento para que o crepe não embaraçasse. Locutor, conferente e juiz era George Grosz. Quando ele, por fim, declarou vencedora a máquina de costura, o perdedor Huelsenbeck atirou a máquina de escrever ao chão do palco (ela não era boa, mas pertencia a Editora). O vencedor, Raoul Hausmann, não se deixou perturbar. Continuou pespontando o infindo crepe com um não arrefecido empenho’

(HERZFELDE. In: SIEPMANN, Montage: John

Heartfield, p. 53).

DEvidentemente não se pode negar também que existe uma obra dadaísta berlinense (além das obras de Grosz, das montagens de Heartfield, dos poemas optofotográficos de Hausmann, das anti-sinfonias de Jefim Golyscheff, dos manifestos do grupo todo ou de partes dele), num sentido mais amplo da obra. Dadá-Berlim expande ainda mais a já rompida fronteira, o limite destruído por Zurique e define com isto a sua especificidade, diversa da de Zurique ou da de Dadá-Paris. Esta diversidade se apóia sobretudo em dois pontos fundamentais:

1. no peso da ação — sempre comentadora das obras (e das anti-obras), sempre estabelecendo o oposto da obra materializada. A ação constitui não apenas a negação da obra (e da não obra), como também uma negação de si própria, quando se monta enquanto ação vazia, ação-zero, um apenas-dizer-que-fez (exemplo, a República Dadá de Nikolassee);

2. no peso da publicidade, da veiculação, da comunicação massiva, dos jornais, vale dizer, da utilização consciente dos recursos da reproduzibilidade técnica. Os jornais, a editora, o estilo jornalístico do desenho de Grosz (todos comentadores de eventos de atualidade jornalística), a charge, as sessões e apresentações suplantam a sua especificidade, determinadora de sua insignificante penetração. Diz Grosz:

“Em amo o jornal, mesmo quando não me defronto acriticamente com ele. Para a propagação de idéias o jornal é muito mais essencial que o livro, porque muito mais gente lê jornais.”⁹

(Apud: SCHNEEDE, George Grosz —
Leben und Werk, p. 70).

Mas mesmo fora do jomal, Dadá-Berlim cuidava com extremo zelo de sua divulgação. E um dos responsáveis por isto era o próprio PropaganDaDá Grosz, com suas “Parolen“, slogans e papelinhos, colados, pregados e espalhados por Berlim, com as “palavras-de-ordem” dadaístas do tipo “Dada siegt“ (Dadá vence) ou “Dada ist da“ (Dadá aí está), etc.

Outros terão seguramente desempenhado papéis de divulgação, como por exemplo, Wieland Herzfelde com o Malik-Verlag. John Heartfield, com o seu trabalho gráfico e de fotomontagem. Estes terão contribuído decisivamente para a propagação, pela mídia, de Dadá-Berlim. Mas caberia também aqui não minimizarmos o fato de que Johannes Baader, “Dadaprophet” e depois “Oberdada”, com sua intensa e extensa correspondência enviada aos jornais do mundo (exemplo: construção de um templo gigantesco) não só promove Dadá como antecipa-o (antes da palavra “Dadá”) e Posteriormente o reafirma, enquanto jornalista em Hamburgo,¹¹ mantendo ativa toda a sua produção dadaísta, sobretudo sua correspondência. E isto tudo acrescido evidentemente de suas ações espetaculares, que acabam funcionando como a mais perfeita propaganda gratuita (ver a ação com o pastor Dryander, em 17 de novembro de 1918, na Catedral de Berlim).

‘ *Caro Hitler*

Fidelidade por fidelidade é germânico. Prometi, no dia 15 de julho de 1941, à sua GESTAPO, em Hamburgo, que não mais escreveria nenhuma carta a seus ministros.

E ninguém poderá me repreender por rompimento da promessa. Agora, a objeção que faço ao senhor permanece, contudo: o senhor condena injustamente o meu Dadaísmo. O contrário o senhor não pode provar, pois não se deu ao trabalho de ouvir ao outro partido, a mim próprio. O senhor diz que não seria necessário, bastar-lhe-ia ver os frutos e poder não precisar deles. Mas justamente aí está seu erro, que o senhor jamais vê estes frutos e não quer vê-los. Não é minha culpa se a organização de seu Ministério da Instrução Popular e Propaganda é montada tão deficientemente que não lhe

11. Baader continua sua correspondência até seus últimos dias em um lar de velhos na Baixa-Baviera, em Landau-an-der-Isar, onde morre em 1955.

A comunique o que realmente acontece aqui em Landau-an-der-Isar. Cumprimente Mussolini e igualmente o Papa, a quem o senhor agora protege em Roma. Seu velho amigo Baader, Supra-afirmador e Presidente do Globo Terrestre e do Universo, Diretor do Tribunal Universal, Presidente Efetivo e Secreto da Liga Supradaísta Intertelúrica dos Povos, Otingokni, etc. (Com e sem Dadako)
Landau/Isar, 15 de setembro de 1943.

(BAADER, *Oberdada*, p. 146)

Visto do ângulo da linguagem utilizada em seus jornais, Dada-Berlim não poderia ser mais jornalístico do que era. O uso da fotografia, renunciando a fotomontagem política de John Heartfield, tem seu melhor exemplo no *Jedermann sein eigner Fussball*, um jornal extremamente visual com um terço de sua primeira página ocupado pelo leque com nove políticos e a manchete ‘Quem é o mais bonito?’ (E a promessa de prêmios, na última página para aquele que desse a resposta melhor formulada). Dentre as nove “belezas” apresentadas no leque estão Ebert, Scheidemann, Noske e Ludendorff. Acima, o título do jornal, em fundo preto. Ao lado do título, sua marca, Wieland Herzfelde vestido de bola de futebol.

O próprio editor, sobre o jornal:

‘Ao primeiro, nós o chamamos *Jedermann sein eigner Fussball*, saiu só um número. Ele foi proibido imediatamente e, contudo, tarde demais. Tínhamos vendido os 7.600 exemplares (para tantos alcançava o papel muito difícil de conseguir), no dia 15 de fevereiro, dia do lançamento; nós, i.é., todos os colaboradores da folha e alguns marinheiros que se juntavam a nós, caminhamos atrás de uma carruagem de dois cavalos, alugada com banda de música, chamada *Kremser*,¹² e oferecíamos a folha aos transeuntes curiosos⁹’.

(HERZFELDE, W. In: *Der Malik-Verlag* — 1916-1947, p. 24).

12. Kremser: carruagem aberta, com muitos assentos.

O veículo que sucedeu ao *Jedermann* foi *Die Pleite* (A falência). Sua primeira página é sempre tomada por um único desenho de Grosz, traços simples, caricaturais, diretos. Apenas uma legenda, uma frase curta ou um título. Estilo chamativo pela escassez de recursos estilísticos, pela visualidade fácil e pelo contraste com as tipografias pesadas de primeira página de jornal, verdadeiros “desertos de chumbo”\

A comunicação, nos dois jornais mencionados e em seus sucessores *Der Gegner* (O opositor) e *Der blutige Ernst* (A sangrenta seriedade), é extremamente direta, a tipografia fácil, horizontal, tipos grandes, uniformes, espaçamento abundante, leveza, possibilitando uma recepção agradável.

São sobretudo jornais — e jornais satíricos —, não são jornais literários e pouco lembram a sua origem artística: as referências à arte e à literatura são escassíssimas. Sua matéria prima não é o pano de fundo artístico e/ou os bastidores literários, mas é o dia-a-dia, evidentemente trabalhando através do eficiente instrumento da paródia. E sobretudo a paródia do fazer político da falida República. No *Die Pleite* uma das poucas referências a Dada (além do poema satírico, de W. Mehring na maior parte das vezes) está numa seção com telegramas (evidentemente falsos) do ex-Imperador Wilhelm II, de seu exílio, endereçados a pessoas e entidades. Um é endereçado a Dadá e respondido pelo “Oberdada”.

“Os mais recentes telegramas de Wilhelm II”

“(…) *Club Dadá, Berlim*

Enviar imediatamente desenho dadaísta de mim como Ditador do Proletariado Mundial na liderança dos povos da Europa, preservai vossos bens mais sagrados, nova edição. Urgente! Anexar esboço original de mim ao pé da árvore de Natal.

Honorário sem restrições.

Willy

Dadamecena (sempre dadá)

Amerongen

(O Club Dadá dissolveu-se em consequência disto. Ele podia suportar tudo. Mas

*um despacho de Wilhelm II foi insuportável
ao Club Dadá).*

Supradadá.

(*DIE PLEITE*, n. 6, p. 3, Jan-1920)

d

Já as revistas *Der Dada*, *Der Dada n. 2* e *Der Dada n. 3* e ainda a *Dada — Sinn der Welt* (Dadá — sentido do mundo) desmontam com operosidade ímpar esta legibilidade. Já a partir dos temas tratados, passando exemplarmente pela tipografia, desconjuntada, superposta em branco e preto e cores, fotos “estranhas”, textos e manifestos, uma outra radicalidade, dadaísta *strictu sensu*.

Aqui não são apenas caricaturas os trabalhos de Grosz, são também colagens. São as fotos, de Heartfield, ensinando Dadá a um burro intelectual, ou vestido de palhaço, fotos de bonecos, cabeças mecânicas, fotos de objetos, foto de Hausmann de costas, de Herzfelde-bola-de-futebol (símbolo do *Malik-Verlag* — e propaganda de suas edições), fotos de Hausmann e Baader, colagens de Hausmann, propaganda do *Dadaco* — Atlas de bolso dadaísta (que não chegou a sair), os slogans todos, todas as definições de Dadá, os manifestos e os textos-manifestos, a explosão suprema da tipografia, reproduções de obras dos “correspondentes” internacionais de Dadá, Bali, De Chirico, Huidobro, o “Manifeste Cannibale Dada” de Francis POPOCABIA, Paris, o clássico KARAWANE de Bali, a cores, os poemas optofonéticos de Hausmann.



Wieland Herzfelde de bolade futebol
— marca do *Walik-Verlag* e do jornal
Jederman sein eigener Fussball.



R. Hausmann: “k p'eriom”, poema optofonético, 1920.

A numeração das páginas no Der Dada 3 é a seguinte: 254 km, 437 l, 642 kg, A 50, 62 B, 75%, Imm, WE, hm, TOM2 e OH61.

A

A contradição, o oposto que constituem estas duas práticas dadá-berlinesas, uma da legibilidade, a outra da não-legibilidade, mais uma vez remetem ao postulado “Dadá é a relatividade da relatividade” (Hausmann). As duas polaridades se desmontam e se destróem e, afinal, não se sabe (e não se quer nem se pode saber) onde o construir, onde o destruir, o que é montar, o que é desmontar (se o montar se funda no desmontar e vice-versa). E se, por um lado, pode a crítica dizer que não ficaram senão poucas obras convencionais como registro de um movimento, temos de reconhecer, por outro, que tudo o que foi produzido, nos jornais e nas revistas constitui um registro artístico de Dadá-Berlim, os anúncios, a propaganda, a tipografia, a numeração caótica. Isto posto, teremos tido uma produção artística em duplo nível, em dois pólos opostos, um a negar o outro, a comentá-lo, a parodiá-lo, e DADÁ não está em nenhum, mas nos dois, sempre no choque, a se ruir e a se rir.

E, por sua vez, este jogo de oposição mortal, destrutiva, já se opõe significativamente à coerência, à unicidade de movimentos artísticos, detentores de marcas e características definidas. “O que é DADÁ ? Dadá não é nada, i.é., tudo.”

Assim, há obras que negam obras (e que são negadas por estas). Mas ainda aí não cessa — e de longe não cessa — a ativiDadá. Em contraposição ao jogo das obras, a não-obra por excelência, desmonta radicalmente as obras e as anti-obras, construindo um novo jogo destrutivo-constutivo.

V (de A ç ã o), Fisiologia da A ç ã o

Enquanto os outros textos dadaístas podem constituir, vistos isoladamente, discursos montados, coerentes (com os próprios princípios proclamados), ou ao menos como material palpável, como documentos, o mesmo não acontece com a ação. Dela não restou nenhum registro unívoco, documental, inequívoco; ficaram relatos que muitas vezes se contradizem frontalmente. Exemplo: Hausmann afirma que a corrida máquina de costura vs. máquina de escrever foi “levada a cabo por *Grosz e Mehring*” (Cf. HAUSMANN, p. 19). E entretanto, é possível depreender da freqüência destes relatos (praticamente todos os dadaístas se referem às ações) que elas significavam muito para Dadá-Berlim. E fará sentido se as colocarmos como a negação dos outros textos Dadá, a sua destruição. Mas seu grau de negação não permanece restrito ao nível meramente artístico (embora seja um ato artístico). O seu poder de alcance se amplia em relação por exemplo às ações dos dadaístas de Zurique e sobretudo dos parisienses, atingindo esferas da atividade humana antes tocadas pela arte apenas em palavras (e na maior parte das vezes em discurso não-artístico, como que estabelecendo dois momentos inaproximáveis, absolutamente estranhos um ao outro. Assim, as ações envolvendo figuras políticas, executadas por Baader, têm um poder de paródia a ações da própria política. Por exemplo, a nomeação revel de Phillip Scheidemann a “Ehrendada” (Honordada, Dadá honorário), ou o lançamento do panfleto “O Cadáver Verde” na Assembléia Nacional. O papel da paródia, um dos instrumentos mais efetivos do estranhamento e portanto de re-visão de um objeto, é assumido não por um dizer, mas por um fazer análogo. As ações políticas da República são análogas às ações “político-dadaístas” e estas encarnam com muito maior efetividade o papel da negação, da destruição, da descrença nas ações políticas da República (quicá também de outras Repúblicas).

Isto coincide com sua Dadá-Ira contra os exjressionistas e seu “pathos” político, daqueles que se detinham “trabalhadores do espírito”. Dadá estranha (distancia, toma esquisita) a ação política da República, mostrando que também ela é Dadaísta e, portanto, mentira, ficção, só que não assumida, não consciente de seu grau de inverdade, insinceridade.

Já as ações com o público são indicadoras do próprio papel de público. Ao atacar o público — e Hausmann faz uma referência a uma matiné sua com Baader, em Hamburgo, em uma das Dadá-Toumées, onde foram necessários 40 policiais armados para desocupar o salão, tal havia sido o grau de penetração das provocações (HAUSMANN, p. 20) — Dadá chama a atenção apenas para este ausente — o próprio público. Possibilita a re-visão e a conscientização deste “papel”; desautoriza a “função de público”, à medida em que a paródia enfatiza o seu real-grotesco ou o seu real-absurdo. Desmonta uma função automatizada (para que se crie uma nova) e desnuda o seu automatismo estático, emperrado, impotente. Utiliza a técnica fascista pelo avesso: ‘desestetiza a política’ (conforme iluminam os conceitos de W. Benjamin¹³) e mostra por antecipação para onde a República Alemã estava conduzindo/sendo conduzida.

E mesmo as ações vazias de Baader — não diretamente tangentes à esfera dos acontecimentos políticos — acabam por exemplificar também este mesmo mecanismo. Refiro-me aqui, por exemplo, aos relatos de ações inexistentes. Baader escreve notícias de jornal (nem sempre publicadas) que relatam acontecimentos não-reais — eventos-zero. Um exemplo disto é sua própria morte anunciada no *Der Dada*.

“Notícias de Jornal”

/

*A batalha dadaísta berlinense contra Weimar, no dia 6 de fevereiro de 19 (Rheingold). Vitórias em todas as frentes. Comunicado oficial de guerra de 7 1/2 da noite: Os dadaístas tomam o Rheingold.*¹⁴ A Rua

13. Cf: “Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit” (A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Gesammelte Schriften* /, p. 508.
14. *Rheingold* — Tesouro do Nibelungo.

Bellevue está interditada. Diretor-geral Lohner está de capacete guardando o tesouro do Fafnir.¹⁵ Os nibelungos estão sentados atrás de metralhadoras em meio a copos de vinho e cardápios. Josty, Schultheiss, Palasthotel se encontram em mão dos dadaístas. Salão Choralion e Casa dos Artistas estão ainda em disputa. Edifício do Portão da Cidade, à esquerda, na Praça Leipziger está [?] e as sereias tocam.

Estação Potsdamer, Siechen e Telschow pedem cessação das hostilidades. Os representantes da indústria de modas que se fixaram no Kaisersaal capitulam. O relato da contenda sai em Weimar: ‘Spartacus derrotado por dois corpos por dadá — Placar: 7:10. Local 13.8.13/71.’

Presidente Baader

Depois da entrega deste comunicado, às 8 horas e 3 minutos da noite, o Presidente desceu novamente a escada imperial e dirigiu a palavra aos que remanescentes lá embaixo: A anunciação aconteceu! Venham comigo e então caminharemos para a segunda parte do programa.

Rumou-se então a uma cervejaria na Rua Esquerda; a tropa tomou assento e aí voou mina após mina para o alto. Às 10 e 1/2 da noite Weimar estava arrasada.

II

O golpe dadaísta no Rheingold.

Ficou comprovado que o golpe dadaísta berlinense contra Weimar foi um complô preparado de longa data. Como se sabe, o

15. Fafnir: dragão guardião da aldeia dos Nibelungos, morto por Siegfried.

Diário Alemão de 19 de setembro de 1918 anunciou o ingresso do Sr. Scheidemann no Club Dadá. Esta nota permaneceu um tanto desapercibida. Agora mostram-se as consequências deste descuido. Com toda Weimar, também o ministro-presidente Scheidemann voou pelos ares. Estamos ansiosos para saber o que o Club Dadá, a quem agora cabe a obrigação do governo, irá fazer. Se não tivéssemos a garantia mais absoluta de lá, ter-se-ia que temer pelo destino que florescerá para a Alemanha, agora órfã, sobre o globo terrestre. O sepultamento da Assembléia Nacional vitimada se dará no Cemitério Dadá com grande pompa. Sinos e canhões dar-lhe-ão escolta e o recém-nascido presidente do Globo Terrestre lhe proclamará o necrológio ‘ave anima candida \ Local e data do sepultamento serão comunicados a tempo. SL Tristan Tzara, Mareei Janco, Hans Arp, Baader’

(BAADER, *Oberdada*, pp. 51-2)

Trata-se pois de um texto com referente zero, ou seja, um texto referencial sobre nenhum referente. Uma ação fictícia portanto, parodiando duplamente a ação política, por um lado, a linguagem que relata a ação política, a linguagem jornalística (e, num outro momento, a linguagem historiográfica), por outro. E ainda a própria ação Dadá, relatando uma não-ação.

Sobre a práxis usual, monta-se uma práxis análoga comentadora da primeira, desmontando-a, dissecando-a, destruindo-a, para evidenciar a sua desverdade. A ação funciona aqui como uma política da política ou uma metapolítica. E este conceito terá sido de certo usado pela primeira vez pelos próprios dadaístas berlinenses ao denominarem Theodor Däubler,¹⁶ “o grande Anti-dadaísta e Metapolítico” em *Der*

16. *Theodor Däubler*: ensaísta e escritor expressionista (1876-1934).

Dada 3 p. OH61 (e, logo abaixo, entre parênteses: “favor destacar e jogar fora!”). Se a ação é a práxis produtiva da obra, portanto também obra, quem produz esta práxis é o dadaísta, por isto mesmo, parte indetectável da própria ação. Assim são os próprios dadaístas, suas figuras, seus títulos, seu agir, um aspecto de Dadá. Por esta razão Baader é o mais perfeito dadaísta. Consegue viver a sua personagem Dadá tão intensamente e tanto tempo que chega a confundir os próprios colegas. E, ainda por isto, cada dadaísta tem o seu título, enfatizando a personagem Dadá.

Uma relação dos dadaístas e seus títulos honoríficos:

Johannes Baader: “*Dadaprophet*” (Dadaprofeta),
 “*Oberdada*” (Supradadá);
 Raoul Hausmann: “*Dadasoph*” (Dadásofo);
 George Grosz: “*Politdada*” (Politdadá), “*Dadamars-
 chair*” (Dadá-Marechal), e, segundo Baader, “*Propaganda-
 damarschall*” (Propagandadamarechal);
 Richard Huelsenbeck: “*Weltdada*” (Dadamundi) e
 “*Meister-Dada*” (Dadá-Campeão);
 Wieland Herzfelde: “*Progressdada*” (Dadá-progresso);
 John Heartfield “*Dadamonteur*” (Dadá-montagista);
 Franz Jung: “*Dadanarchist*” (Dadanarquista);
 Walter Mehring: “*Pipydada, Pipidada*” (Pipidadá).

Os coadjuvantes:

Dr. Otto Burchhard: “*Finanzdada*” (Dadafinança) e
 “*Generaldada*” (Dadageneral);
 Otto Schmalhausen (cunhado de Grosz): “*Dadaoz (Da-
 dá-Oz)*” e “*Dadadiplomat*” (Dadadiplomata);
 Max Schlichter: “*Dadameisterkoch*” (Dadá-mestre-cuca).

Títulos de honra atribuídos:

Phillip Scheidemann: “*Ehrendada*” (Dadá honorário);
 Wilhelm II: “*Dadamäcen*” (Dadá-mecena)

De outros Dadás:

Max Ernst: “*Dadamax Ernst*” (Dadamax Seriedade).



Hausmann e Baader

A diluição do “mito da criação artística” enquanto mero percurso para se atingir um fim acabado, que seria, este sim, a obra, passa por duas escavações arqueológicas:

1. a ação assumindo o lugar da obra (e negando-a, suprimindo-a);
2. o artista em substituição ou em supressão à obra (e talvez à própria ação). O dadaísta ganha nomes e títulos e assume os mais diversos papéis, mais uma vez em vazio: assume nominalmente funções as mais diversas — “Presidente do Globo Terrestre” (Baader), o filósofo (Hausmann), profeta (Baader), modista (Hausmann), comerciante (Grosz), engenheiro montador (Heartfield), jornalista (Huelsenbeck).¹⁷

17. Cf. BERGIUS, “Der *Da-dandy*” (O *Da-dandy*). In: *Tendenzen der 20er Jahre*, pp. 3 e 26.

O artista, ao atrair para si as atenções, reduz intencionalmente a atenção sobre a obra e mesmo a nega. Parodia ao mesmo tempo o mito do “gênio” cuja produção é sempre “de qualidade” e o mito da obra enquanto produto acabado. E produz cada vez mais o inusitado, cada vez menos sua produção própria, acentuando o ato e o atuante com um esvaziamento progressivo de sua própria atuação. E numa intensidade crescente, *ad infinitum*, até que a obra se reduza ao silêncio da não-obra: basta o artista ou a ação, como indícios de obras.

De resto, por detrás das figuras assumidas de jornalista, comerciante, profeta, presidente, teatralmente assumidas como paródias, vazias portanto de qualquer intenção de verossimilhança (muito ao contrário disso!), evidencia-se uma irônica e subliminar crítica ao próprio assumir *papéis definidos e acabados*.

“Gomo pensarei amanhã?” (cartão de visitas do Propagandadá).

A idéia do acabado, do pronto, do feito, do codificado, do decifrado, do definido, determinado, portanto previsível, monótono, morto, tem em Dadá uma dupla face:

- a) é crescentemente aplicada à obra, incorporada a esta, e progressivamente retirada da imagem do artista;
- b) o fenômeno do “Da-dandy” (assim o denomina, com espirituosidade Dadá, Hanne Bergius, inspirada em uma colagem de Hannah Höch, de mesmo nome) acabaria podendo ser visto como mais um tipo de ação, irônica e parodística: o rir-se do fazer cada vez menos. Conforme coloca Hanne Bergius:

‘ Também faz parte do procedimento ‘dandy’ acentuar que seus produtos artísticos nada tem a significar — assim, por exemplo, Schwitters sobre sua construção Merz. Esta estratégia do ‘dandy’ pode ser acompanhada de Duchamp a Warhol e está intimamente relacionada com seu enfoque irônico da produção artística: a última consequência está para ele no ter o umour [sic] de ‘não ser criativo’ (Breton)’.

(BERGIUS. In: *Tendenzen derZwanzigerJahre*, pp. 3/26)



O *Da-Dandy*, de Hannah Höck, 1920.

os Manifestos

Sem os manifestos, Dadá-Berlim não teria sido nem Dadá, nem Berlim. Berlim era, naquele período que vai do final da guerra ao final de Dadá, uma profusão de manifestos: de partidos que se cindem, que se formam, que se fecham, que se justificam, que programam, que se mostram, etc. E Dadá não poderia deixar de perceber este importante aspecto da vida (política e artística) que é fazer e lançar um manifesto.

Nasce daí uma profusão de manifestos dadaístas berlinenses. Eis alguns deles:

“Manifesto Dadaísta”;

“Sintético Cine da Pintura”;

⁴ ‘Manifesto da Regularidade do Som’;

“Panfleto Contra a Visão Weimariana de Vida”;

“O Burguês alemão se irrita”;

⁴ ‘Presentismo Contra o Puffkeísmo da Alma Teutônica’;

“Voa Besouro” (Manifesto de Todo o Possível);

“Vitória Triunfo Tabaco com Feijão”

(Manifesto do Impossível).

Um manifesto constitui um programa de ação caracterizador de uma determinada facção, tendência ou grupo. • medida em que define características, traços diferenciadores, estabelece pontos programáticos e, traçando um programa, se caracteriza plenamente. Entendido nesta direção, o manifesto é um dos textos que almejam atingir o menor grau de ambiguidade possível, o maior grau de definição e clareza. Remete univocamente a dois momentos no tempo: a) o presente, com a caracterização de seu emissor/autor, por meio de um discurso o mais referencial possível, e b) o futuro, projeção deste presente sob a forma de programa de intenções, cuja credibilidade depende da perfeita verossimilhança da caracterização primeira.

Seja na política, seja na arte, o manifesto objetiva desfazer a ambiguidade, marcando com a possível precisão as posições formadas, evitando o contrasenso, e a não-diferenciação. Vejamos, então, como isto se dá nos manifestos dadaístas, tomados como exemplos os três manifestos já traduzidos no presente trabalho, acrescidos do que se segue, traduzido parcialmente.

“Manifesto da Regularidade do Som

Quando as pessoas, separando os lábios, começam a fumar, como vetor de movimento tripartido, a este se acrescenta um quarto segmento accidental. A vontade de poder do tabaco como Navycut tira o sarro na caloria da queima das taxas de lucro intelectuais. O fumar, em si sossego no procedimento infantil do viver, eleva-se, com o cigarro, a dandismo e uma projeção desenfreada do pecado original. Enquanto a arte é a única coisa nascida do ser humano, o fumar de um shag calumet representa a consoladora certeza da singularidade do acontecimento e, ao mesmo tempo, a absoluteza, indiferença do momento, o eterno retorno de todo o flutuante na interior submersidade do diluir em fumaça. O fumar, encarado a partir do ser abstrato-concreto contém a supressão de uma perditude nos aromas da madeira-bryar e de uma acabada forma do W D & H O Will suave capstan tabaco Bristol London, (...)

(...) agora, no que diz respeito às leis do som...”

bbbb

N' m o u n m' o n o u m

o n o p o u h

p

o

n

n

ee

e

lousoo

kilikilikoum

t'neksout

coun' tsoumt

sonou

correiosou out kolou
 Y' IIITTTTTTIYYH
 kirriou korrothumm
 N' onou
 mousah
 da
 ou
 D A D D O U
 irridadoumth
 t' hmoum
 kollokoum
 o n o o o h h o o u u u m h n

(HAUSMANN, *Am Anfang war Dada*, pp. 31 a 33)

O manifesto acima, inusitado sobretudo em relação aos manifestos do Dadá-Berlim, acaba representado uma radicalização no próprio gênero, parodiando a linguagem densa, abstrata, rigorosamente lógica do manifesto. Foi lançado sob a forma de panfleto em 1918 e re-editado em *Der blutige Ernst n. 3* (1919). Trata-se aqui muito mais de um anti-manifesto, uma destruição formal do manifesto, executada em dois momentos:

- 1) na retórica saturada de elementos esvaziados pelo seu extremo grau de abstração (que carrega portanto em seu bojo a sua própria negação);
- 2) na destruição física do discurso, realizada, na segunda parte do manifesto, pela desmontagem lógica, sintática e semântica do discurso verbal, o que acaba sendo metáfora da explosão da linguagem intelectualizada, adulta, culta, lógica e coerente. Processa-se aqui uma radicalização total nos elementos já presentes em outros manifestos dadaberlinenses, mesmos nos manifestos ditos políticos. Por exemplo, a corrosiva ironia parodística dos pontos programáticos do manifesto “o que é o Dadaísmo e o que ele quer na Alemanha”.

- *e) introdução do poema simultaneísta como reza comunista estatal;
- b) o compromisso de todos os religiosos e professores para com os princípios dadaístas de crença;

f) liberação das igrejas para apresentação de poemas bruitistas, simultaneístas e dadaístas;

k) regulamentação imediata de todo relacionamento sexual no sentido dadaísta internacional através da ereção de uma Central Sexual Dadaísta.

(In: *Dada-Berlin*, p. 61)

A gozação da própria utopia, vazada em uma linguagem imperativa, se dá pelo contraste entre esta imperatividade da linguagem e o inverossímil das propostas. E, encerrando a figura paródica do manifesto, o sarcasmo supremo do signatário do manifesto: “Comité Central Dadaísta Revolucionário, Grupo Alemanha”, inexistente como o próprio Club Dadá, como a Sociedade Publicitária Dadá Ltda (*Dada Reklame Gesellschaft GmbH.*) como a *Dada-Company International-Berlin* (que envia em *Der Dada* 5, “cumprimentos de simpatia ao maior artista do mundo e bom dadaísta Charlie Chaplin”), como a pré-dadaísta sociedade organizada por Baader e Hausmann, *Christus GmbH*, como o Banco Dadá (conforme texto “Invista seu dinheiro em Dadá”, “a única caixa económica que paga juros na eternidade”, publicado em *Der Dadá*).

Desta perspectiva, do irreal, do vazio, do nada, podemos considerar que Dadá incorpora o nada inclusive ao manifesto e estende metastaticamente as características do manifesto a seus outros textos, quase todos com a preocupação extrema de caracterização e programatização. Dadá escreve então (quase) somente sobre Dadá. Dadandizar. O que, de resto, não é outra coisa que o assumir a característica mais profunda do manifesto enquanto escritura sobre o próprio escritor — só que Dadá o dadandiza para explodí-lo: Dadá nasce.

Conclusão : o Começo

Disse Tristan Tzara a Guillermo de Torre que “O nada de dadá revestir-se-á sempre de uma forma, aplicar-se-á a tudo e transforma-se-á sempre (Torre, G. de, *História das Literaturas de Vanguarda* 77, p. 311).

De fato, parece que o que melhor define Dadá é o seu não-ter-uma-forma-definida, podendo entrar em todas, não se permitindo aprisionar em nenhuma: a sua indefinibilidade. E neste aspecto considero que o Dadá-Berlim terá sido aquele seu desenvolvimento mais amplo, mais que Zurique, mais que Paris. Dadá atinge, em Berlim, ousadamente aspectos da linguagem antes ainda não comentados (e muito menos parodiados) pelo artista: a política enquanto ação passível de uma ação política comentadora, a meta política; a ação enquanto negação das ações ou as ações vazias apontando apenas para o que restava: o artista; e o manifesto se auto-desmitificando, auto-parodiando e se auto-destruindo.

O movimento da destruição é tão abrangente e tão eficiente em dadá-Berlim que acaba por se desmontar a si mesmo. Na cadeia de reações, que uma nova forma de linguagem provoca, existem em Dadá dois movimentos: a destruição e a desmontagem da destruição. E teríamos aí o que Tzara (“Tzara Tustra” conforme lhe escrevia Baader) preconiza com “o nada de Dadá revestir-se-a sempre de uma forma”, uma vez que está destruído estereótipo e, portanto, montado o não-estereótipo.

Define André Gide que “Dadá é o dilúvio, após o que tudo recomeça” (Torre, G. de, p. 237). E de fato, tudo confirma o “dilúvio”. O que eu questionaria porém é o “após o que”, preferindo um “no qual”, pois o próprio ato destrutivo vem em Dadá acompanhado da sua auto-desmontagem. Assim, não estaria fora de Dadá o construir, o fazer, o montar, o nascer, portanto, o novo.

Os elementos de Dadá que apontam para a montagem do novo, que indiciam para sua própria vitalidade, se iniciam com o nome. Dadá, tatibitate infantil por excelência, recusa explícita de qualquer conceito pré-escolhido ou pré-encaixado enquanto denominação formal para uma forma já instituída. A infantilidade da palavra é assumida porque ela significa um campo de possibilidades em aberto, a uma só vez ácido e corrosivo dos anteriores (e posteriores) “ismos” e vazio sobre o qual se pode criar autenticamente o novo, uma vez que estão destruídos os automatismos herdados do passado.

Mas não só no nome está presente esta vitalidade infantil de Dadá; na tipografia, vale dizer, no registro gráfico ela se manifesta no rompimento das direções culturais ocidentais de leitura: numeração anti-ordenada, direção da esquerda para a direita, de baixo para cima, etc, hábitos culturais, adquiridos portanto. Dadá escreve na vertical, de ponta-cabeça (portanto na direção inversa), não obedece à uniformidade tipográfica. Dadá executa graficamente o que se pode chamar de “travessura tipográfica”, onde o experimentar indicia mais uma vez não uma identidade acabada, mas um processo de identidade em aberto, flexível, em movimento e construção de sua própria mobilidade (e que se utiliza desta mobilidade como afirmação de sua individualidade). Aí se permitem ler os poemas optofonéticos de Hausmann, e os seus “*Plakatgedichte*” (poemas-poster). A desordem e a desuniformidade tipográficas estão intimamente ligadas ao conceito de não-definitivo, para as normas culturais contemporâneas, não-definitivo e não-confiável, portanto, não-consistente. Assim, não se considera provável senão o que está registrado graficamente. A grafia é sinal de perene, em oposição ao oral, ao apenas dito, que se perde no espaço-tempo. Pois a tipografia de Dadá anuncia o elemento da desordem, da “descoordenação motora”, desacreditando o tipográfico, instaurando por assim dizer uma “oralidade tipográfica”.

Ao lado da tipografia “oral”, inscreve-se o fato de grande parte das obras Dadáberlinenses terem sido ações, soirées, matinées, tóumées, e não terem registro (oficial) que não o da oralidade dos relatos (como já disse, freqüentemente desencontrados e falhos, desmemoriados portanto) dos participantes. Este fato traz uma tardia contribuição à leitura

do movimento: a crítica do discurso historiográfico tradicional (da arte ou não), fundado em documentos apenas indicadores de um processo em aberto (um processo histórico) e a consequente perda da historicidade enquanto movimento dialético do destniir-construir. Dadá não possibilita a base documental para uma historiografia estática. E àqueles que não conseguem perceber o movimento, o processo em lugar do registro factual, Dadá impõe uma pesada carga: a de entender, em DADÁ, NADA (o negativo de um movimento, a destruição, a desmontagem, o nihilismo). A não ser que se entenda o NADA como um campo aberto de possibilidades, portanto, um potencial TUDO. Aí cumpre-se a profecia de Hausmann, “Também aquele que contra Dadá está, é Dadaísta”.

Dadá impõe uma nova verdade ao conceito de verdade etema. Mesmo que esta verdade seja eterna apenas dentro de um universo finito, como o universo expressionista, como o universo futurista e outros universos de diversos “ismos”. Dadá incorpora ao seu próprio universo (de resto muito mais universal) a diversidade em lugar da verdade. E inaugura uma nova historiografia: a historiografia das diversidades não definidas: *“die schöpferische Indiferenz”*.*

Por detrás está a desmontagem da chamada verdade (o mito de que só existe uma verdade histórica, o grande espírito inspirador do gênero “manifesto”). Dadá recupera ainda um outro traço contestador à nossa civilização ocidental adulta: a lógica da diversidade, uma lógica infantil por excelência, da negação do unidiretivo, do determinador, do fechado sistema de valores adultos, recupera a lógica da afirmação do indefinido enquanto processo ativo (e que não se pretende definir ou assumir uma forma pronta).

Assim se compreende a ação# dadaísta enquanto brinquedo de desmontar e montar, sempre^pronto para uma nova desmontagem-montagem. Dadá traz incorporada, encarnada em seu aparente NaDa a vitalidade do tatibitate hesitante, do brinquedo enquanto arquétipo da práxis humana (e sobretudo paródia da práxis considerada adulta). Dadá resgata o aparente disforme infantil para ver nele motor da força criativa.

“Dadá vence.”

“*Dada siegt.*”



Hausmann recita poemas optofonéticos em 1962.

Bibliografia

1. REVISTAS

BRENNER, H., *Alternative*, Berlim, Ed. Alternative, n? 122 e 123, 1978.

DADÁ ZEITSCHRIFTEN (revistas Dadá), Hamburgo, Ed. Nautilus-Lutz, 1978. Reimpressas a partir dos originais publicados em Berlim, Ed. Malik, 1919:

Prospekt des Verlags Freie Strasse, Hülsenbeck; Jung; Hausmann, ed.

Der Dada, Hausmann, R., ed.

Der Dada n° 2, Hausmann, R., ed.

Der Dada nT 3, Heartfield; Grosz; Hausmann, ed.

Dada: Sinn der Welt.

Reimpressas a partir dos originais publicados em Zurique, ed. Mouvement Dada, novembro de 1919:

Der Zeltweg, Flake; Semer; Tzara, ed.

Reimpressas a partir dos originais s.n.b.:

Bulletin D

Cabaret Voltaire

Calendrier 20

Dadameter.

DIE PLEITE (A Falência), Colónia, Gaehme-Henke-W. König, n? 1 a 6, s. d. Reimpressas a partir dos originais publicados em Berlim, Ed. Malik, 1919-20 (n? 2 Schutzhaft, Ed. Helzfelde).

JEDERMANN SEIN EIGNER FUSSBALL (Cada um sua Própria Bola de Futebol), Colónia, Gaehme-Henke-W. König, s. d. Reimpressa a partir dos originais publicados em Berlim, Ed. Malik, 1918-19.

REINISCHE ZEITUNG BONN: ⁴ 'Die verlorene Republik: Sozialdemokraten und Kommunisten in Weimar' (A República perdida: socialdemocratas e comunistas em Weimar), Bonn, Ed. Rheinische Zeitung, n? 18, pp. 8 a 21, s. d.

2. CATÁLOGOS DE EXPOSIÇÕES

BERLINISCHE GALERIE 1913-33, Catálogo do acervo, Berlim, Ed. Berlinische Galerie, s. d.

BERLIN-PARIS 1930-33, Paris, Centre Georges Pompidou, julho a novembro de 1978.

BERTONATI, E., *Das experimentelle Photo in Deutschland 1918-40* (A Fotografia experimental na Alemanha de 1918-40), Munique, Galleria del Levante, 1978.

DEUTSCHER BUNDESTAG: *Fragen an die deutsche Geschichte* (Perguntas à História alemã), Bonn, Deutscher Bundestag, 1977.

ERSTE INTERNATIONALE DADA-MESSE (Primeira Feira Internacional Dadá), in: John Heartfield, Catálogo de Abertura do Gabinete Permanente.

JEFF GOLYSCHIEFF, São Paulo, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (USP), 1975.

JOHN HEARTFIELD, Catálogo de Abertura do Gabinete Permanente de Heartfield, Berlim, National Gallerie — Staatliche Museen zu Berlin, 1976.

KARL ARNOLD: *RETRATO DE LOS ANOS VEINTE. POLÍTICA Y SOCIEDAD DE LA REPÚBLICA DE WEIMAR VISTAS POR UN CONTEMPORÂNEO*, Stuttgart, Institut für Auslandsbeziehungen, 1974.

DER MALIK VERLAG 1916-17 (A Editora Malik 1916-17), catálogo de exposição, Berlim, Deutsche Akademie der Künste, s. d.

POPITZ, K., *Plakate der Zwanziger Jahre* (Cartazes dos Anos 20), Berlim, Staatliche Museen Preussischer Kulturbesitz, Kunstbibliothek, 1977, Heft 30 e 31.

SPIES, Wherner ed, Max Ernest. *Retrospektive 1979*. Berlim, Munique, Nationalgalerie-Haus der Kunst, 1979.

TENDENZEN DER ZWANZIGER JAHRE. 15. Europäische Kunstausstellung (Tendências dos anos Vinte-15. Exposição de Arte Européia), Berlim, Dietrich Reimer, 1977, 2ª edição.

3. LIVROS SOBRE O DADAÍSMO BERLINENSE E/OU VANGUARDA

BAADER, Johannes, *Oberdada* (Suprada). Lahn-Giessen, Ed. Anabas, 1977. Coletânea de textos editada e posfaciada por Hanne Bergius, N. Miller e K. Riha.

BENJAMIN, Walter, *Gesammelte Schriften*. Frankfurt/Main, Ed. Suhrkamp, 1978.

- BRECHT, B.; GROSZ, G.; PISCATOR, E., *Arte y Sociedad*. Buenos Aires, Caldén, 1979.
- BULTHAUP, P., *Materialien zu Benjamins Thesen "Über den Begriff der Geschichte"* (Elementos sobre as Teses de Benjamin acerca do Conceito de História). Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1975.
- BÜRGER, Peter, *Theorie der Avantgarde* (Teoria da Vanguarda). Frankfurt/Main, Suhrkamp, 1974.
- CAMPOS, Haroldo de, *A Arte no Horizonte do Provável*. São Paulo, Perspectiva, 1969.
- ENZENSBERGER, H. M., *Einzelheiten II: Poesie und Politik* (Particularidades II: Poesia e Política). Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1976.
- FISCHER, Lothar, *George Grosz*. Reinbeck/Hamburg, Ed. Rowohlt, 1976.
- FORTINI, Franco, *O Movimento Surrealista*. Lisboa, Presença, 1965.
- GROSZ, George, *Ecce Homo*. Nova Iorque, Ed. Dover, 1976. A partir de originais editados em Berlim, Malik, 1923.
- _____ *Ein kleines Ja und ein grosses Nein* (Um pequeno sim e um grande não). Reinbeck, Rowohlt, 1974.
- HAUSMANN, Raoul, *Am Anfang war Dada* (No Princípio era Dada). Steinbach-Giessen, Anabas, 1972.
- _____ *Hurra, hurra, hurra*. Steinbach/Giessen, Anabas, 1970. Originais a partir da primeira edição, Berlim, Ed. Malik, 1921.
- _____ *Sprechspäne* (Aparas da Fala). Flensburg-Glücksburg, Petersen Presse, 1962.
- HEARTFIELD, John, *Guerra en la Paz*. Trad. Michel Faber-Kaiser. Barcelona, Gustavo Gili, 1976.
- HERZFELDE, Wieland, *Immergrün* (Sempreverde). Berlim. Ed. Aufbau, 1976.
- _____ *John Heartfield: Leben und Werk* (John Heartfield: Vida e obra). Dresden, Verlag der Kunst, 1976.
- _____ *Zur Sache. Geschrieben und gesprochen zwischen 18 und 80* (Ao assunto. Escritas e falas entre 18 e 80). Berlim, Ed. Aufbau, 1976.
- HUELSENBECK, R., *En avant dada. Die Geschichte des Dadaismus* (En avant dada. A História do Dadaísmo). Hamburgo, Nautilus, 1978.
- JÜRGENS-KIRCHHOFF, A., *Technik und Tendenz der Montage in der bildenden Kunst des 20. Jahrhunderts* (Técnica e Tendência da Montagem na Arte Pictórica do Século XX). Lahn-Giessen, Ed. Anabas, 1978.

- LÜDKE, W. M., org., *'Theorie der Avantgarde'. Antworten auf Peter Bürgers Bestimmung von Kunst und bürgerlicher Gesellschaft* ('Teoria da vanguarda'. Respostas à definição de Arte e Sociedade Burguesa de Peter Bürger). Frankfurt/Main, Ed. Suhrkamp, 1976..
- MEYER, R. et. ai, *Dada in Zürich und Berlin 1916-1920 — Literatur zwischen Revolution und Reaktion* (Dadá em Zurique e Berlin 1916-1920 — Literatura entre Revolução e Reação). Kronberg, Scriptor, 1973.
- PETER, Lothar, *Literarische Intelligenz und Klassenkampf* (Inteligência literária e Luta de Classes), Colônia, Paul Rugenstein, 1972.
- PIGNATARI, D., "Montagem, Colagem, Bricolagem ou Mistura é o Espírito." In: *Arte & Linguagem*, n? 8, pp. 85-90.
- PISCATOR, E., *Teatro Político*. Trad. Aldo della Nina. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- RICHTER, Hans, *Dada — Kunst und Antikunst. Der Beitrag Dadas zur Kunst des 20. Jahrhunderts* (Dada — Arte e Anti-arte. A contribuição de Dadá para a Arte do Séc. XX). Colônia, DuMont, 1964.
- RICKE, Gabriele, *Die Arbeiter-Illustrierten Zeitung* (O Jornal Ilustrado dos Trabalhadores). Hannover, Internationalismus Verlag, 1974.
- RIHA, Karl, *Dada Berlin. Texte, Manifeste, Aktionen* (Dadá Berlin. Textos, Manifestos, Ações). Stuttgart, Reclam, 1977. Em colaboração com Hanne Bergius.
- SCHNEEDE, Uwe, org., *Die Zwanziger Jahre: Manifeste und Dokumente Deutscher Künstler* (Os Anos 20: Manifestos e Documentos de Artistas Alemães). Köln, DuMont, 1979.
- _____ *George Grosz — Leben und Werk* (George Grosz — Vida e Obra). Stuttgart, Ed. Hatje, 1975.
- SIEPMANN, E., *Montage: John Heartfield. Vom Club Dada zur Arbeiter-Illustrierten Zeitung* (Montagem: J. Heartfield. Do Clube Dadá à Revista Ilustrada dos Trabalhadores). Berlin, Elefanten Press Galerie, 1977.
- TELES, Gilberto M., *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1977.
- TÖTEBERG, M., *Heartfield*. Reinbeck, Ed. Rowohlt, 1976.
- TZARA, Tristan, *Sieben Dada Manifeste* (Sete Manifestos Dadaitas). Hamburg, Ed. Nautilus, 1978.
- TORRE, G. de, *História das Literaturas de Vanguarda*. Trad. Maria do Carmo Cari. Lisboa, Ed. Presença, 1972.

4. BIBLIOGRAFIA SOBRE A REPÚBLICA DE WEIMAR

- AUT HIER, D., *A Esquerda alemã 1918-21. Doença Infantil ou Revolução*. Trad. Manuel Guelhas, Porto, Ed. Afrontamento, 1975.
- BINDER, Gehard, *Deutsche Geschichte des 20. Jahrhunderts I, Das Kaiserreich — die Weimarer Republik* (História alemã do Século XX. O Império do Kaiser — A República de Weimar). Munique, Wilhelm Goldmann, s. d.
- ENGELMANN, Bemt, *Trotz alledem—Deutsche Radikale 1777-1977* (Apesar de Tudo. Radicais Alemães 1777-1977). Reinbeck-Hamburg, Rowohlt, 1979.
- Entwicklungsprobleme der Proletarisch-Revolutionären Kunst von 1917 bis zu den 30er. Jahren* (Problemas do Desenvolvimento da Arte Proletária-revolucionária de 1917 até os anos 30). Berlin, Humbolt Universität, 1977.
- FAHNDERS, W.; RECTOR, M., *Literatur im Klassenkampf. Zur proletarisch-revolutionären Kunst 1919-23* (Literatura na Luta de Classes. Sobre a Arte Proletária-revolucionária em 1919-23), Frankfurt/Main, Ed. Fischer, 1974.
- *Linksradikalismus und Literatur* (Literatura e Radicalismo de Esquerda). Reinbeck-Hamburg, Ed. Rowohlt, 1974.
- FISCHER, M. et al., *Der Nationalsozialismus — 12 dunkle Jahre Deutscher Geschichte* (O Nacionalismo — Doze Anos Escuros da História Alemã), Bonn-Bad Godesberg, Inter Naciones, 1979.
- GAY, Peter, *A Cultura de Weimar*. Trad. Laura L. C. Braga. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1979.
- GOODSPEED, D. J., *Ludendorf: Soldado, Lutador, Revolucionário*. Rio de Janeiro, Ed. Saga, 1968.
- HERZFELD, Hans, *Der Erste Weltkrieg* (A Primeira Guerra Mundial). Munique, Ed. DTV, 1974.
- Kunstamt Kreuzberg e Institut für Theaterwissenschaft der Universität Köln, *Weimarer Republik* (República de Weimar). Berlin, Elefanten Press, 1977.
- LAQUEUR, W., *Weimar — Die Kultur der Republik* (Weimar — A Cultura da República), Frankfurt a. M., Ed. Ullstein, 1977.
- MANN, Golo, *Deutsche Geschichte des 19. und 20. Jahrhunderts* (História alemã dos Séculos 19 e 20). Frankfurt a. M., Ed. Fischer, 1979.
- PLOETZ, Karl, *Hauptdaten der Weltgeschichte* (Dados Principais da História do Mundo). Würzburg, Ed. A. G. Ploetz, 1957.

- ROSENBERG, Arthur, *Entstehung der Weimarer Republik* (Surgimento da República de Weimar). Frankfurt a.M., Europäische Verlagsanstalt, 1977.
- _____ *Geschichte der Weimarer Republik* (História da República de Weimar). Frankfurt/Main, Europäische Verlagsanstalt, 1978.
- RÜGE, Wolfgang, *Novemberrevolution* (Revolução de Novembro). Frankfurt am Main, Marxistische Blätter, 1978.
- _____ *Deutschland 1917-33. Von der Grossen Sozialistischen Octoberrevolution bis zum Ende der Weimarer Republik* (Alemanha 1917-33: da grande Revolução socialista de Outubro até o Final da República de Weimar). Berlin, Deutscher Verlag der Wissenschaften, 1978.
- TRAGTEMBERG, Maurício, *Burocracia e Ideologia*. São Paulo, Ed. Ática, 1974.
- TREUE, Wolfgang, *Alemania desde 1848*. Bad-Godesberg, Inter Nationes, 1968.
- TUCHOLSKY, K., *Deutschland, Deutschland über Alles. Ein Bildbuch von Kurt Tucholsky und vielen Fotografen montiert von John Heartfield* (Alemanha, Alemanha, acima de tudo. Um livro de imagens de K. Tucholsky e muitos fotógrafos, montado por John Heartfield). Reinbeck-Hamburg, Ed. Rowohlt, 1978.

O Dadaísmo foi o movimento artístico mais radical da primeira metade do século xx. Fundado em Zurique, na Suíça, espalhou-se “como uma epidemia” (no dizer dos próprios dadaístas) por diversas partes do mundo. Uma destas partes foi Berlim, a turbulenta e encantadora metrópole dos anos vinte. Lá Dadá assume cores e ânimos muito especiais, alargando as fronteiras já ousadas de Dadá. Enquanto em Zurique Dadá é pacifista, os berlinenses são contra a guerra, mais belicosos combatentes da farsa montada na transição do Império Alemão para a República de Weimar. *Dadá Berlim: Des/ Montagem* aborda a faceta política deste movimento e sua relação com os acontecimentos da natimorta República de Weimar. A paródia dos meios de comunicação de massa, as ações (verdadeiros “proto-happenings”) e a desmontagem das figuras heróicas e míticas (por meio da auto-nomeação a heróis máximos) tornam-se, em Berlim, o instrumento preferido pelos dadaístas para a delicada operação de desmontagem da farsa weimariana.

247-9
11111

• U C •

